

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



TRABALHO DE PROJECTO

Ser Jovem Uma Aventura de Risco

Catarina Cardoso Soares de Carvalho

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Área de Especialização em Formação de Adultos



TRABALHO DE PROJECTO

Ser Jovem Uma Aventura de Risco

Catarina Cardoso Soares de Carvalho

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália Alves

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

2009

Índice

Resumo	3
Abstract	3
Agradecimentos	4
I – Enquadramento Geral.....	7
1. Justificação da Necessidade de Intervenção	7
2. Projecto Aventura no Bairro.....	13
3. Enquadramento teórico.....	14
3.1. A Realidade dos Bairros Sociais	14
3.2. A Animação sócio-cultural.....	21
3.3. Educação Social	25
4. Caracterização da Instituição de Acolhimento - Divisão de Intervenção Sócio-Territorial (DIST)	27
5. Identificação e caracterização do público-alvo	30
6. Identificação das Condições para o êxito do Projecto.....	30
7. Definição do âmbito temporal	31
8. Resultados Esperados	31
II – Projecto.....	32
1. Diagnóstico.....	32
2. Problema	41
3. Finalidades.....	42
4. Objectivos.....	42
5. Estratégias.....	43
6. Plano de Actividades	44
7. Plano de Avaliação	64
8. Orçamento	66
Bibliografia.....	70
Anexos.....	75

Resumo

“Ser Jovem, uma Aventura de Risco” é um Projecto de Intervenção destinado aos jovens moradores do Bairro da Cruz Vermelha em Cascais. Pretende dar continuidade ao Projecto Aventura no Bairro, envolvendo a comunidade e as instituições locais, utilizando a animação sócio-cultural como um agente de mudança e transformação social, perspectivando-a como uma forma de intervir localmente e de apoiar e auxiliar um público-alvo desfavorecido, nem sempre visado ou abrangido pelas políticas educativas locais, através de estratégias pensadas e adequadas às suas necessidades.

Com base no diagnóstico de necessidades percebeu-se que seria importante continuar a acompanhar os jovens deste bairro, desenvolvendo as suas competências sociais e pessoais. Assim, foi criado um rol de actividades que pretendem trabalhar estas competências perspectivando uma melhor integração na sociedade.

Palavras – chave: Jovens, Animação Socio-cultural, Educação Social, Intervenção local, Competências.

Abstract

The Project “Ser Jovem, uma Aventura de Risco” is addressed to young people and teenagers living in Bairro da Cruz Vermelha in Cascais. The aim of this Project is a certain continuity of the previous Aventura no Bairro Project, mixing and joining local community and institutions, using socio-cultural animation as an agent of change and social transformation, seeing all of this measures as a way of acting locally, supporting and helping needy and poor persons (our target public), not always helped and truly supported by local institutions, by well structured and reasonable strategies serving their interests and necessities.

Based on a previous diagnosis of their necessities, we have realized that the most important thing in this project is the continuity to follow these teenagers of this neighborhood, developing their social and personal competences and skills. In this way, we have created a wide range of activities which can stimulate their skills allowing a better and smoothly way of integration in the society.

Keywords: Young people, Socio-cultural Animation, Local Intervention, Social Education, Skills.

Agradecimentos

À Professora Doutora Natália Alves por me ter orientado nesta etapa tão importante do meu percurso académico e profissional, por ter acreditado em mim e no meu projecto e me ter incentivado sempre a continuar e a fazer melhor.

Às técnicas da Câmara Municipal de Cascais, da Equipa 1, que me acolheram e sempre estiveram disponíveis para me ajudar, ensinando-me muito e transmitindo-me conhecimentos que só se adquirem com a experimentação diária da realidade do Bairro.

À Rita e à Neuza por terem vivido e partilhado comigo tantas “aventuras”.

Aos jovens do Bairro da Cruz Vermelha, para os quais pensei este projecto. Trabalhar com eles fez-me crescer muito, não só como profissional mas também como pessoa. Eles mostraram-me o lado bom do Bairro e deles próprios.

À Mafalda que partilhou comigo as dúvidas, os desesperos, as ideias, que “pensou comigo em voz alta” e que me ensinou a formatar tudo direitinho.

À Sara e à Sandra, amigas que estão Sempre comigo.

Ao Sérgio que é o meu porto seguro e cuja presença na minha vida facilita muitas coisas.

Aos meus pais, por me terem dado esta oportunidade e por, como sempre, me terem apoiado ao longo deste percurso.

Obrigada!

Introdução

*“O Trabalho de Projecto tem um tempo de início, outro de desenvolvimento e dois de fim.
(...) O fim do projecto, em concreto, quando se torna uma realidade.
E o outro fim (...) o da marca futura e sem prazo, intangível e sem previsão temporal, das
aquisições e das construções que nos construíram e transformaram, que nos constroem e
transformam.”*

E. Many & S. Guimarães (2006)

O presente projecto insere-se no âmbito de um mestrado em Ciências de Educação, na vertente da Formação de Adultos, realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

A escolha da modalidade de Trabalho de Projecto justifica-se uma vez que pretendo estudar uma realidade e planificar um projecto capaz de intervir nesta mesma realidade. Assim sendo, e tal como refere Isabel Guerra (2000:119) a Metodologia Participativa de Projecto adequa-se às minhas intenções, uma vez que *“é um instrumento que permite, simultaneamente, uma maior compreensão da realidade e uma maior eficácia de meios e técnicas de intervenção.”*

A realidade onde pretendo intervir e, se possível, melhorar, é a do Bairro da Cruz Vermelha, situado na freguesia de Alcabideche, no concelho de Cascais. A escolha deste contexto tão específico deve-se ao facto de ter realizado o estágio da minha Licenciatura em Ciências da Educação neste Bairro, onde tive a oportunidade de integrar e participar activamente no *Projecto Aventura no Bairro*, implementado pela Equipa 1 da Divisão de Intervenção Sócio-Territorial da Câmara Municipal de Cascais. Criei assim laços muito especiais com a Equipa que me acolheu e com a comunidade, despontando em mim a vontade de continuar a intervir junto e com estas pessoas.

O que se visa com este projecto de intervenção é que exista uma continuidade do *Projecto Aventura no Bairro*, destinado aos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, onde seja possível um envolvimento da comunidade e das instituições locais. Apoiando estes jovens nas várias etapas das suas vidas, será possível construir com eles um percurso de desenvolvimento pessoal e social que lhes permita e/ou facilite

uma melhor integração na sociedade actual. Utilizando a animação sócio-cultural como um agente de mudança e transformação social, perspectivando-a como uma forma de intervir localmente e de apoiar um público-alvo desfavorecido, nem sempre visado ou abrangido pelas políticas educativas locais, através de estratégias pensadas e adequadas às suas necessidades.

Este documento divide-se, para além desta breve Introdução, em 5 partes.

A primeira parte é o **Enquadramento Geral** onde começo por justificar a pertinência do projecto, fazendo posteriormente o seu enquadramento teórico abordando a realidade dos Bairros Sociais e a Animação Sócio-cultural. Ainda nesta primeira parte caracterizo a instituição de acolhimento e o público-alvo do projecto, identifico as condições necessárias para o seu êxito e defino o âmbito temporal e os resultados esperados.

A segunda parte deste relatório é o **Projecto** propriamente dito, sendo apresentado o Diagnóstico da situação e o Problema ao qual se pretende dar resposta. São também descritas as finalidades, os objectivos e as estratégias a utilizar sendo também apresentados o Plano de Actividades e o de Avaliação bem como o Orçamento.

Por fim, encontram-se a **Bibliografia** utilizada e os **Anexos** necessários para complementar este relatório.

I – Enquadramento Geral

1. *Justificação da Necessidade de Intervenção*

O Bairro Calouste Gulbenkian, também designado por Bairro da Cruz Vermelha, foi criado no final dos anos 70, em terrenos da cadeia do Linhó, localizado em Fugas de Alcoitão, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais.

Segundo Cortes (2002), o Bairro da Cruz Vermelha teve origem na atribuição de terrenos da cadeia do Linhó, pelo Ministério da Justiça, à Cruz Vermelha Portuguesa (daí a sua designação) para esta poder proceder a realojamentos de famílias residentes no Vale do Jamor (nos bairros Quinta da Graça e Quinta do Balteiro) e na Cruz Quebrada, que viviam em situações precárias, sendo muitas delas retornadas e refugiadas das ex-colónias portuguesas.

Em 1982, a administração do bairro e a propriedade plena dos terrenos passou, quase que na totalidade, para a Santa Casa da Misericórdia de Cascais (S.C.M.C.), com excepção do Lar da 3ª Idade e do Centro Infantil, que continuaram e continuam na posse da Cruz Vermelha Portuguesa, embora os equipamentos sejam administrados também pela S.C.M.C.

Para além das famílias que foram alojadas gradualmente entre 1977 e 1988, foram também construídas habitações para funcionários da Cadeia Central de Lisboa, para funcionários do Ministério da Justiça, oriundos das ex-colónias que trabalhavam no Estabelecimento prisional do Linhó (o que estava previsto no acordo de cedência de terrenos entre este Ministério e a Cruz Vermelha Portuguesa) e para as vítimas das cheias de 1983, em Cascais.

Ao longo do tempo, têm também sido construídas barracas que, apesar dos processos de realojamento, continuam a persistir no terreno albergando novas famílias.

Assim sendo, o facto de este bairro surgir numa época de mudança socio-política e ideológica de Portugal (pós 25 de Abril), para responder a necessidades de alojamento de famílias provenientes das ex-colónias faz com que a diversidade socio-demográfica da população residente do Bairro Calouste Gulbenkian seja bastante significativa, uma vez que existem pessoas de origens/nacionalidades distintas (essencialmente

portuguesas e PALOP) e com percursos sociais e residenciais também consideravelmente diferentes.

Através do Pré-Diagnóstico realizado em 1998 pela Câmara Municipal de Cascais e, apesar de não existirem dados quantitativos actuais e exactos sobre os residentes do bairro, estima-se a existência de 1800 residentes, com um perfil demográfico maioritariamente jovem (60% com idade inferior a 30 anos) e originários dos PALOP (também cerca de 60%).

A nível sócio-profissional, esta população constitui uma mão-de-obra desqualificada, tendo profissões ligadas essencialmente, à construção civil, à indústria e serviços, especialmente serviços de limpeza, que se encontram nas proximidades do bairro, tanto no Concelho de Cascais como no Concelho de Sintra.

Os equipamentos que existem no bairro e nos arredores tornam-se assim importantes focos de empregabilidade para a população do bairro. Porém, alguns trabalhadores têm vínculos contratuais precários, obtendo rendimentos irregulares que servem de obstáculos à estabilidade pessoal e familiar.

Existem ainda situações de desemprego, maioritariamente feminino, que poderá estar ligado a situações de trabalho precário e a uma incapacidade para inverter essa situação.

Segundo o relatório do pré-diagnóstico realizado pela CMC (1998), o Bairro Calouste Gulbenkian juntou, num só espaço, indivíduos com diversos estilos de vida. Inicialmente, importa distinguir dois tipos de população: um tipo que se procura demarcar do bairro e da sua imagem negativa, frequentando o bairro apenas para dormir; e outro tipo que vive no bairro de uma forma mais permanente.

Estas vivências diferentes traduzem-se em formas diferenciadas de apropriação dos espaços públicos. Os equipamentos disponíveis no bairro apresentam-se como espaços mais utilitários do que de lazer e convívio para o primeiro tipo de população, contrariamente com o que acontece com o segundo tipo.

Os espaços exteriores apresentam-se como espaços de convívio e sociabilidades, especialmente para os grupos infantis e juvenis. Contudo, alguns menores, por opção da família, encontram-se limitados aos espaços domésticos, o que, mais uma vez, acentua a distinção do modo de viver no bairro.

A nível das relações de vizinhança, não existe uma rede sólida, mas alguns laços de vizinhança próxima que têm vindo a ser consolidados ao longo do tempo. O bairro apresenta alguns aspectos físicos e sociais (problemas sociais que partem do interior do bairro e processos de demarcação e distinção entre a população) que desincentivam estas relações, não permitindo a criação de uma rede social derivada da convivência diária, de onde poderia resultar um suporte baseado na inter ajuda e solidariedade.

No Bairro da Cruz Vermelha são ainda identificáveis algumas problemáticas que atingem a população portuguesa em geral, independentemente do seu estrato social, sendo elas: o alcoolismo, a toxicodependência e as doenças infecto-contagiosas que lhe estão associadas, a pobreza, o insucesso e o absentismo escolar, a violência familiar, o vandalismo e a prostituição. Estas problemáticas são consequências dos percursos de vida da população, muitos deles marcados pelo desenraizamento cultural e social e por processos de inserção condicionados por limitações de uma intervenção social integrada.

Segundo o estudo realizado por Cortes (2002), durante o dia, o bairro apresenta-se como um espaço calmo, com eventuais incidentes sem grande importância à saída da escola do ensino básico. À noite, existe uma maior instabilidade, uma vez que ocorrem alguns desacatos ou pequenos furtos, provocados pela irreverência de grupos de jovens que se afirmam pelo confronto de desafios e ultrapassagem de limites.

Um problema emergente que tem sido alvo de análise e intervenção, é a existência de grupos de crianças e adolescentes que se iniciam em actos de vandalismo dentro e fora do bairro, principalmente no centro comercial localizado nas imediações (CascaiShopping), o que em nada melhora a imagem social do bairro, causando problemas de inserção aos seus residentes, criando-se assim um ciclo vicioso que urge ser interrompido.

A diversidade populacional existente no Bairro da Cruz Vermelha permite identificar situações de organização familiar estável e situações familiares complexas, de famílias que vivenciam precariedades variadas (económicas, sociais, psicológicas e afectivas), que comprometem a sua estabilidade individual e colectiva e que podem apresentar uma natureza conjuntural ou uma cultural de pobreza.

Esta diversidade da organização familiar traduz-se numa multiplicidade de práticas de socialização, processo no qual as instituições têm um papel fulcral,

especialmente nas camadas mais jovens, uma vez que são os próprios pais a atribuir essa responsabilidade, sobretudo à instituição escolar.

Assim, o processo de socialização através de equipamentos educativos estrutura-se, por vezes, “*num contexto de dificuldades de inserção devido a problemas de carácter relacional e desigualdade na detenção de capital cultural*” (Pré-diagnóstico – Bairro Calouste Gulbenkian – Projecto Especial PER, 1998:17); devido à discrepância entre os modelos adoptados pela escola e os modelos culturais herdados da socialização primária.

Neste contexto de carência (económica e social), onde as famílias têm dificuldade em assegurar a função de socialização e acompanhamento familiar, originam-se processos de reprodução de pobreza (quer económica quer cultural e mental) juntamente com processos de autonomia responsabilização precoce das crianças na organização e gestão da vida quotidiana.

O Bairro da Cruz Vermelha possui uma imagem negativa, que está directamente associada à degradação urbanística e social, que o estigmatiza como um todo e aos moradores individualmente. A degradação urbanística é perceptível na má qualidade dos edifícios e dos arranjos exteriores, bem como na ausência de espaços verdes. A imagem de degradação social provem de situações que, embora estando localizadas, são bastante problemáticas e possuem um carácter destabilizador e *outsider* que ofusca os modos de vida estáveis e estruturados que existem no bairro.

O estigma e a rejeição de que a população deste bairro é alvo têm graves consequências, que se manifestam directamente, em aspectos concretos como a dificuldade de arranjar emprego, e indirectamente, na forma de sentir da população, que sofre de processos de diferenciação que só agravam mais as desigualdades já existentes.

Esta imagem faz com que, as pessoas que residem fora do bairro não queiram recorrer a ele e os residentes do bairro se inibam, geralmente, de convidar familiares e amigos, pois sentem um olhar que denota nas suas vidas sinais de pobreza e de exclusão. No caso das crianças, que têm a personalidade em formação, facilmente lhes são transmitidos feedbacks negativos que existem em relação ao “seu bairro”, e que poderão ter uma forte influencia na sua identidade.

Por outro lado, “*este estigma reforça estratégias de demarcação entre a população e face ao bairro, que se evidenciam no condicionamento ou restrições de*

práticas de sociabilidade dos seus próprios filhos com outros moradores do bairro, na adopção de estilos de vida para fora do bairro” (Pré-diagnóstico – Bairro Calouste Gulbenkian – Projecto Especial PER, 1998:19).

Com base no estudo realizado por Teresa Amor e Dulce Moura (2001), é possível perceber que o nível de escolaridade desta população é reduzido, o que condiciona quer a possibilidade de construção de um projecto de mobilidade sócio-profissional, quer a inserção no mercado de trabalho, cada vez mais exigente e complexo.

Segundo as autoras, os motivos que levam os jovens a abandonar os estudos prendem-se essencialmente com o facto de preferirem começar a trabalhar, fenómeno fortemente ligado à falta de recurso dos pais. Contudo, no contacto directo com os jovens, é possível perceber que existe um sentimento de arrependimento pela interrupção dos estudos, uma vez que reconhecem que com mais habilitações escolares seria mais fácil obter mais recursos financeiros. Porém, apesar desta consciência, a maioria não pretende voltar à instituição escolar.

Quando este tema é abordado com as famílias, as respostas obtidas em relação aos filhos que já deixaram de estudar denotam sentimentos de desilusão, pois existia a expectativa de que o jovem completasse o ensino secundário e por vezes ingressasse no ensino superior.

No entanto, como salientam as autoras deste estudo, este discurso dificilmente passa da intenção para uma atitude efectiva de investimento no acompanhamento escolar dos filhos ou nas actividades da escola. Quando, informalmente, se pergunta às famílias se estão satisfeitas com a escola que os filhos frequentam não é usual obter uma resposta, sendo possível perceber que a relação entre escola e família é praticamente inexistente, havendo um descomprometimento generalizado dos pais com os processos de aprendizagem dos filhos.

Como a escola primária está localizada no interior do bairro, as crianças concluem habitualmente o ensino primário, uma vez que se encontram num contexto que já lhes é familiar, onde os seus colegas são também os seus vizinhos. As situações de absentismo e de abandono ocorrem essencialmente aquando a transição para o 2º ciclo de escolaridade. Ao transitarem para o 2º ciclo, as crianças começam a frequentar a escola 2+3 de Alcabideche. É nesta altura que a imagem negativa em relação ao bairro

da Cruz Vermelha se torna muito presente sendo manifestada não apenas pelos colegas, que provêm de outros territórios mas, inclusive, por alguns docentes e funcionários da instituição escolar.

As autoras referem ainda que é nesta altura que o sentimento de pertença das crianças e dos jovens em relação ao bairro se intensifica, originando-se um ciclo vicioso: a imagem negativa do bairro reforça a união e o sentimento de pertença ao ‘seu bairro’, acabando esta união por os afastar ainda mais dos outros colegas, reforçando a sua exclusão e a imagem já pré-concebida. A rua, no Bairro Calouste Gulbenkian, é percebida como um local privilegiado de aprendizagem de actos marginais. O aumento de equipamentos no bairro, tem possibilitado a retirada da rua de muitas crianças; porém, isto não sucede tão facilmente com os jovens uma vez que é um processo mais complexo e para o qual não existem tantas respostas.

2. Projecto Aventura no Bairro

O *Projecto Aventura no Bairro*, surgiu há 3 anos, na sequência das obras de requalificação física da zona Norte do Bairro da Cruz Vermelha, iniciadas em 2005. Tem por objectivo estratégico do projecto a melhoria da imagem do Bairro da Cruz Vermelha, a promoção de comportamentos de cidadania activa e a valorização dos espaços habitados, pretendendo assim dar resposta às necessidades desta comunidade. Inicialmente decorreu semanalmente e ao longo de três meses, envolvendo, aproximadamente, 60 crianças e jovens dos 6 aos 15 anos.

Um dos objectivos principais deste projecto tem sido também a promoção de comportamentos de cidadania activa e de valorização dos espaços habitados do Bairro da Cruz Vermelha, através de metodologias de participação e reflexão activa, aplicadas a jovens que habitam/usufruem destes espaços.

A continuidade deste projecto permitiu continuar a trabalhar com os jovens algumas competências fulcrais para o seu desenvolvimento e integração na sociedade, procurando simultaneamente que isso se reflectisse na comunidade.

As actividades decorrem essencialmente em espaços seleccionados dentro do próprio bairro existindo pontualmente actividades em espaços exteriores ao Bairro, que pelas suas características ou simbolismo, contribuíram para a reflexão sobre o território habitado pelo grupo alvo.

Este projecto tem permitido um acompanhamento mais próximo dos jovens envolvidos e da sua situação familiar.

Quando iniciei o meu estágio, em Novembro de 2006, na Equipa 1 da Divisão de Intervenção Sócio-Territorial da Câmara Municipal de Cascais, foi-me proposto que integrasse o Projecto Aventura no Bairro.

Consequentemente, participei nas actividades do projecto e na sua organização. Semanalmente estive também no Gabinete Local do Bairro da Cruz Vermelha a realizar atendimento à população e participei nas reuniões da DIST, o que me permitiu obter um conhecimento de toda a realidade do território.

Quando a Aventura no Bairro 2006 terminou, a equipa da DIST começou a preparar a terceira geração do projecto. Assim sendo, foi-me possível acompanhar todas as etapas,

desde a (re)construção dos objectivos, até à realização das actividades com os jovens e famílias.

Em Maio, quando reiniciamos o Projecto, fiquei com a responsabilidade de monitorizar o grupo dos jovens mais velhos. Durante o tempo que passei com estes jovens, tornou-se perceptível para mim a importância da Aventura no Bairro para eles, pois referiram várias vezes que gostariam de continuar, apesar de ser o seu último ano devido à idade que tinham.

Assim, é notória a ausência de um Projecto de Intervenção que permita dar continuidade ao trabalho que tem sido realizado com estes jovens e intervir juntos dos mais velhos.

Atendendo a esta realidade parece-me pertinente, senão urgente, promover um projecto que permita esta continuidade, trabalhando com os jovens e com a comunidade formas de alterar quer a imagem que está inerente ao seu bairro, quer as suas perspectivas de futuro que são, muitas das vezes, limitadas e constrangidas por todos estes factores.

3. Enquadramento teórico

3.1. A Realidade dos Bairros Sociais

Alguns traços definem hoje os bairros sociais; contudo, falar desses traços uniformizadores não significa ignorar a diversidade dos bairros, não apenas entre eles, como no interior de cada um deles, assim com as estratégias sociais que lhes são subjacentes (reagrupamento das redes sociais, tipo de família, nacionalidades e etnias, situação económica, ...)

Segundo Amor e Moura (2001), uma das características destes bairros é a sua grande dimensão, o seu estado de degradação e a ausência de história. O urbanismo dominante nestes espaços é um factor de agravamento ao nível material, escolar e da construção de uma identidade positiva. Também o seu isolamento contribui para o desenvolvimento de um sentimento de ‘solidão urbana’; o bairro está geralmente afastado do centro e com fracos recursos a nível dos transportes públicos e a sua topografia reproduz esta situação. Esta situação é visível no Bairro da Cruz Vermelha;

apesar de estar a apenas 5 minutos de um centro comercial não há um único caminho que permita ir a pé (excepto pela estrada), o que contribui, de facto, para que a sua população de sinta isolada e separada do restante território. Mas o isolamento provem, muitas vezes, da construção diferenciada e ‘virada para dentro’ – construções em U – em forte ruptura com o espaço urbanizado envolvente, ou seja, a população deste Bairro habitualmente não sente grande necessidade de sair, uma vez que no seu interior é possível encontrar as infra-estruturas básicas para o seu quotidiano: uma escola primária, cafés, uma igreja, um lar de idosos e um minimercado.

A maioria destes bairros é concebida apenas numa perspectiva residencial, negligenciando o emprego e a actividade produtividade. ‘Cidades dormitório’ não vêm os seus pisos térreos reservados ao comércio ou a pequenas unidades de produção, e as tentativas para mudar o uso dos locais apresentam grandes dificuldades, seja para lugar de produção ou de serviços. Estas tentativas são feitas de forma diferenciada segundo os bairros em causa, a partir de pressões dos habitantes e de políticas municipais explícitas.

O tecido associativo tem conseguido alguns equipamentos nos bairros: casas de juventude, espaços de cultura, comércios, etc. mas existem bairros sem alguma presença de actividades económicas e, inclusive, sem serviços como escolas, correios, cafés, etc....

Como referem as autoras, o alastramento do fenómeno da violência e a propagação por zonas disseminadas pela cidade e suas periferias – não só em alguns bairros mas também nos transportes, nas escolas, nas estradas, etc. – o agravamento das próprias manifestações de violência, ou a constatação de que os seus protagonistas são cada vez mais jovens, e que adoptam comportamentos de risco progressivamente mais complexos e organizados, veio a difundir o problema da violência urbana, sobretudo quando se discute o diagnóstico e a intervenção nos bairros sociais. Assim, é importante explicitar qual o conceito de violência urbana que está a ser discutido.

Segundo Abrantes (1994), o fim da década 90 vem tornar visível alguma especificidade dessa ‘violência’: os actos revelam uma criminalidade pouco organizada, não exigindo qualquer aptidão técnica por parte dos agressores; corresponde geralmente a uma sucessão de actos de violência, intercalados com fases de passividade; os actores da violência urbana são cada vez mais jovens, com uma frágil posição no sistema socio-económico e baixas qualificações escolares, multiplicando-se os grupos de menores de

15/16 anos, actores de violência urbana, que procedem a actos de vandalismo, cada vez mais agressivos.

Assim, como salienta esta autora, é relativamente comum apontar crianças e jovens como produtores de uma violência urbana cada vez mais agressiva, o conhecimento desses actores leva de imediato a questionar a sua múltipla exclusão das estruturas familiar, escolar e profissional. Trata-se de uma população com laços sociais muito fragilizados, com fracas condições de inserção social, frequentemente fruto de processos migratórios inacabados, o que tem de ser articulado com os problemas que protagonizam ou que lhes são atribuídos, com o carácter marginal das suas práticas quotidianas, muitas das vezes vividas em grupo.

São estes os jovens protagonistas e vítimas de cenas de violência dentro e fora do bairro onde residem, repetindo-se frequentemente a expressão: “o bairro são os jovens”, principalmente tendo em conta a imagem exterior, apropriada pela comunidade.

Os processos de exclusão são mais ou menos complexos e quotidianos ou esporádicos: dissociação da família, da escola, da obtenção de rendimentos legítimos, da intimidade e afectos, do trabalho e formação, da protecção social, ... Mas os designados ‘bandos de jovens’, raramente correspondem a uma realidade comum; são antes agrupamentos informais, onde dominam as crises individuais, cada um com os seus códigos, as suas leis e, eventualmente, algum chefe que facilmente é substituído.

A gestão deste processo de desenvolvimento social e urbano é muito complexa e exige análise de todos estes factores que corresponda à realidade para que a intervenção não seja ‘esmagada’ perante a rigidez das políticas públicas necessariamente generalistas.

Os espaços de habitação social protagonizam um agravamento progressivo dos fenómenos de segregação sócio-espacial, exigindo um esforço de coesão social, urbanística e cultural cada vez maior.

Segundo Abrantes (1994), nestes territórios encontram-se em evidência fenómenos de violência e insegurança urbana, problemas ao nível da inserção das populações no mercado de trabalho, difícil inserção escolar das crianças e dos jovens, contínua heterogeneidade cultural com os fenómenos migratórios que se torna difícil de

gerir, assim como a crise generalizada das estruturas de inserção social (família, escola, associativismo, vizinhança, ...).

A degradação do habitat e os movimentos de revolta urbana que se manifestam nessas zonas de ‘não cidade’ obrigaram, nas últimas décadas, a uma reflexão cuidada sobre habitação social e condições de vida.

Alguns efeitos perversos contribuem, no momento de produção da habitação social, para as consequências da exclusão sócio-urbanística, como o próprio processo de realojamento, pela ruptura que representa com modos de vida e modelos de apropriação do bairro e da casa/barraca anteriores, e ainda um plano prévio, a construção densificada, numa concentração territorial de bairros sociais, gerando uma realidade sócio-urbanística diferenciada e facilmente identificada (imagem de si e dos outros).

Isabel Cortes (2002) refere no seu relatório que a ‘crise das cidades’ torna-se assim num discurso cada vez mais associado aos problemas gerados a partir dos bairros sociais, cenários de uma fragmentação social e económica difícil de controlar; desintegrados da malha urbana, fisicamente ou ao nível da sua imagem pública, os bairros de alojamento social protagonizam no seu interior ou num território de proximidade, um crescimento ‘à força’ pelo aparecimento de novas habitações, geralmente pela necessidade de implementação do PER (programa especial de realojamento), sem que seja respeitado o ritmo necessário a uma apropriação progressiva das novas condições sócio espaciais.

O realojamento faz-se num percurso territorial de rupturas com modos de vida e formas de apropriação do espaço, sem que isso seja colmatado por efectivas políticas públicas conciliatórias, e as populações de acolhimento, geralmente também elas socialmente vulneráveis, associam essa ‘chegada’ a um aumento de exclusão, de isolamento e de destabilização das solidariedades locais, um crescimento do estigma do bairro face ao exterior ou tão-somente o crescimento do sentimento de insegurança.

Segundo esta autora, o bairro social tende a tornar-se um contexto de exclusão e de fragmentações sociais graves, atravessado pelas grandes fragilidades enunciadas: habitação degradada, desemprego, crise económica, marginalização juvenil, ... O ‘gosto pela casa’ manifestado frequentemente por populações realojadas de barracas, contrapõe-se ao repetido ‘desgosto pelo bairro’, criticado por problemas de vizinhança,

insegurança, degradação do espaço público, problemas de acessibilidades e ausência de equipamentos colectivos de cultura, desporto e lazer.

Com base no relatório de Cortes (2002), os contextos de habitação social tornam-se muitas vezes o ‘reverso da urbanidade’, socialmente desvalorizados pelos residentes do bairro e fora dele. Os bairros sociais têm um grande impacto visual, estejam localizados na periferia ou na malha central de uma cidade, pois o urbanismo que os caracteriza é diferente do resto dos territórios. Esta diferença estende-se por vezes à própria população residente, reunindo na mesma imagem espaço físico, funcionalidade e residentes.

Segundo Jorge (2004) a interiorização de uma imagem pública negativa, a sensação de abandono dentro da cidade (percepção da vulnerabilidade económica e social), e o desenvolvimento de uma imagem desvalorizada de si, tendem a gerar, quer uma rejeição face ao contexto residencial, quer uma apropriação negativa do espaço, gerando dinâmicas de conflitualidade e exclusão dentro do próprio bairro.

Mas o sentimento dos habitantes em relação ao bairro é muitas das vezes contraditório e ambivalente, prevalecendo também a sensação de que não pode viver fora dele, e de que é o centro da sua vida social. (enraizamento social, laços de vizinhança, agrupamentos familiares). O bairro constrói-se como a unidade colectiva dos seus residentes e como um referente identitário que se assume muitas vezes como ‘a casa’, numa expressão relacional e de segurança afectiva. Os habitantes, principalmente se estão em situações de residência consolidada há décadas, sentem-se ligados ao bairro onde vivem e são conhecidos e reconhecidos pelos outros. É este sentimento de pertença e de protecção do bairro que é notório nos participantes do projecto Aventura no Bairro.

Esta autora refere que a cidade ignora a vida nestes bairros, e os outros residentes no concelho não sentem necessidade de se deslocar aí, pois há neles uma quase ausência de equipamentos colectivos ou de espaços exteriores de lazer; assim, é preferível atravessar o bairro pelo seu exterior e só pelo interior quando é estritamente necessário. Esta imagem está geralmente associada aos jovens que se deslocam ao centro aos fins-de-semana ou no verão, e resumem geralmente o bairro às expressões de violência, delinquência, droga (tráfico e consumo) e prostituição, expressões estas frequentemente divulgadas pelos média. Assim, quando não existe um conhecimento exacto do que se passa no bairro, prevalece o rumor e o imaginário.

Sem negligenciar os fenómenos de delinquência real que se passa dentro ou fora do bairro, protagonizada por indivíduos que lá residem, é importante referir que há também nos bairros sociais um sentimento de insegurança (residentes e não residentes), uma angústia pouco clara, mas que nasce do medo da violência e que tem uma relação muito ténue com a violência objectiva.

Muitas vezes, é também desvalorizada a capacidade de mudar o bairro pelos seus habitantes, de intervir junto dos poderes local e central, de se assumirem como actores sociais na gestão urbana do seu contexto residencial. Os residentes sentem-se despojados não só da capacidade económica, social e cultural, como da capacidade de expressão, dos meios de expressão, duvidando da utilidade dessa manifestação de necessidades ou objectivos.

Assim, a tónica centra-se em torno da democracia e da cidadania, urgindo reforçar os mecanismos democráticos da sociedade actual, de diversificar o exercício da democracia, acreditando na capacidade dos indivíduos (actores individuais e colectivos) e nas instituições para o efectivar.

Santos (2006) afirma no seu relatório que intervir em bairros sociais é reconhecer a necessidade de melhoria das condições de vida e redução de factores de exclusão, o que exige cada vez mais, não só um Estado consciente, uma autarquia não demissionária, com um democracia participativa por parte dos membros do bairro, independentemente do género, idade, etnicidade, educação, religião ou qualquer outra referência.

Reconhecer as características essenciais dos bairros de habitação social, não significa construir uma estratégia única, ou comum; a diversidade existe.

A mediatização dos bairros divulga uma imagem uniforme, mas a eficácia de uma política de intervenção e gestão parte fundamentalmente da constatação das especificidades de cada bairro e dentro dele, dos diferentes espaços e modos de apropriação. Esta premissa é uma vantagem para a intervenção mas é, simultaneamente, uma grande dificuldade das ‘máquinas administrativas’ para conceber uma estratégia e coordenar a mudança numa realidade territorial complexa.

Segundo a autora, uma nova premissa fundamental diz respeito à necessidade de uma política nova, baseada numa aproximação global e não em intervenções sectoriais, pouco articuladas, incapazes de provocar uma mudança coordenada. O poder central e

local têm uma tradição de políticas sociais verticais e sectoriais, criando grupos de trabalho, gabinetes, departamentos ou uma outra forma de organização formal, para trabalharem per si em domínios como o emprego e formação, cultura e desporto, a acção social, etc., de modo segmentado, chegando por vezes a concorrer para a coordenação de determinados projectos ou até de determinados grupos.

Bertrand Schwartz (1983) fala na sua obra sobre as políticas de desenvolvimento social urbano e da necessidade de missões locais, contextualizadas, globais e adaptadas, por contraponto a uma política rígida e centralista, mesmo tendo em consideração que uma nova postura trará novas dificuldades, pois ao integrar um grande número de agentes locais ir-se-á deparar com as dificuldades de gerir uma cidadania local com fraca experiência de participação.

No seu relatório Cortes (2002) diz que olhar os bairros sociais pode passar por diferentes atitudes ou posturas de intervenção. À opção de considerar esses espaços como equivalentes a outros da cidade, sem um tratamento financeiro ou administrativo diferenciado (seja por falta de meios, por uma estigmatização do próprio poder ou pela ausência de uma política social pouco dinâmica), opõe-se muitas vezes uma atitude de ‘confronto’, assumindo os bairros como territórios diferenciados do resto da cidade, com modos de vida diferentes, mais problemáticos, violentos ou inseguros – postura que arrisca muitas vezes a agudização dos conflitos. Mas a administração adopta muitas vezes uma estratégia de intervenção técnica e política num território sensível, que pretende que seja visível, sem que isso corresponda a uma eficácia real, onde inclusive os riscos de um trabalho de ‘vitrine’, superficial, incoerente ou desarticulado podem comprometer a mudança.

A participação dos habitantes na gestão do bairro, a democracia participativa local, é também um ponto fulcral na análise dos bairros sociais e até na própria gestão da cidade. Trata-se de discutir a intervenção dos habitantes na gestão urbana e enquanto nova política social de bairro, com a descentralização, a emancipação dos projectos de bairro de uma forte tutela central, seja o Estado ou a autarquia, de forma a melhorar quantitativa e qualitativamente as condições de participação na vida local.

Segundo a autora, esta problemática coloca os habitantes perante o seu quadro de vida, permitindo que as suas propostas sejam ouvidas e tidas em consideração, reconhecendo-se assim uma cidadania activa. Contudo, existem obstáculos importantes

de ultrapassar, como por exemplo a dificuldade de expressão dos habitantes, seja por uma efectiva desqualificação ou por uma ausência de tradição na participação, o que se agrava nos grupos mais jovens e de emigrantes.

O reconhecimento dos problemas, a constatação das particularidades ou a discussão das estratégias, mais do que os resultados teóricos ou constatações práticas de projectos são uma discussão entre poder central, local e os próprios bairros, enquanto espaços de cidadania crescente, capazes de participar e até protagonizar projectos de intervenção complexos e coordenar algumas estruturas locais de gestão do bairro.

3.2. A Animação sócio-cultural

A Animação sócio-cultural só surgiu com maior intensidade após a Segunda Guerra Mundial, quando as pessoas passaram a ter mais tempo livre, podendo assim dedicar-se as actividades de lazer e animação. Outro factor que foi importante para esta ascensão da Animação sócio-cultural prende-se com a massificação da escola. Neste período, começou a pensar-se mais em entreter os reformados e em ocupar os adolescentes, que sendo sujeitos activos, precisavam de actividades que cultivassem os seus interesses.

Importa por isso, esclarecer qual a ideia de cultural, da qual surge a Animação sócio-cultural; Tyler (*cit. in Trilla, 2004:20*) que a designa por “*modo complexo que inclui conhecimentos, convicções, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade*”. O autor acrescenta a esta ideia, “*é a informação que se transfere socialmente (...) o que se herda e se gera na vida social*”. Assim sendo, as práticas de Animação sócio-cultural definem-se por oposição à “*cultura oficial/dominante*” e em acção alternativa à “*cultura de massas*”, situando-se assim no contexto da “*cultura popular*”, cultura própria daqueles que não têm poder, baseada nas relações directas e nos contextos e especificações locais. De acordo com isto, a animação sócio-cultural implica a aceitação da “*democracia cultural*” sendo o instrumento da mesma.

Trilla (2004: 25 - 26) define a Animação sócio-cultural como uma actividade e prática (o que o agente faz); um método, procedimento, meio ou instrumento; um

processo; um programa ou projecto; uma função social (uma vez que se destina a grupos sociais) e um factor (“*qualquer coisa que gera, produz, dá lugar, causa e motiva resultados ou processos*”). De acordo com isto, o mesmo autor define-a como sendo um “*conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural*” (p. 26).

Assim sendo, a Animação sócio-cultural é uma acção muito contextualizada e como se pode perceber pela definição mencionada anteriormente, está fortemente ligada ao desenvolvimento local, uma vez que se destina a grupos de pessoas e pressupõe a sua participação nas actividades, com o intuito não só, de as distrair e “educar” mas também, com a finalidade de os tornar sujeitos activos no seu próprio desenvolvimento cultural e social. Seguindo esta lógica, o projecto Aventura no Bairro enquadra-se nesta definição, uma vez que pretende estimular os indivíduos e a comunidade a que se dirige a terem uma atitude aberta e autónoma que lhes proporcione o envolvimento nas dinâmicas e processos sócio-culturais, responsabilizando-os pelos seus actos, ou seja, parafraseando, Trilla (2004: 29) visa “*transformar os destinatários da acção sócio-cultural em sujeitos activos da comunidade a que pertencem e em agentes dos processos de desenvolvimento em que estão envolvidos.*” Como tal, corresponde à prática de uma acção exercida sobre um grupo, uma colectividade ou uma comunidade, que visa desenvolver a comunicação, a estruturação da vida social e a aprendizagem, através de métodos de integração e de participação. Imhof (*cit. in Canário, 2001:78*) acrescenta ainda que é um “*elemento fundamental e estruturante de processos de mudança social, pode ser bem exemplificado no papel desempenhado pelos processos de animação na promoção de dinâmicas locais de desenvolvimento integrado*” e tem um papel fundamental na criação de “*culturas de desenvolvimento que constituem o ponto de partida, para que de maneira gradual, o processo de desenvolvimento local possa ganhar a dimensão de um projecto colectivo e assumido pelos actores locais e auto-sustentado.*”

Canário (2001: 71) explica que esta área é difícil de definir, conceptualizar e clarificar devido à “*tradução da distância que separa, por um lado, o desenvolvimento real destas práticas, nos campos social e cultural, e por outro lado, a limitada exploração a que essas práticas têm sido submetidas, a partir de estratégias de*

investigação". Como tal, este mesmo autor define a Animação Sócio-cultural como as "acções geridas por pessoas que se juntam e que determinam elas próprias, o conteúdo destas acções em função de objectivos sociais e culturais (...) actividades educativas fora do tempo de trabalho".

De acordo com esta definição é fácil compreender e "sentir" a forte componente educativa, que esta área possui uma vez que está "*Dirigida para o desenvolvimento de actividades de carácter lúdico e sócio-pedagógico, a sua intervenção é reconhecida nos países desenvolvidos, desde há décadas, como uma área fundamental da aprendizagem. Porque aprender, também é saber jogar e brincar.*" (Costa, 1997).

A Animação sócio-cultural não é só uma actividade social e cultural, mas também, uma actividade formativa que embora tenha início com os formandos, atribui ao animador a função de "*dar um passo em frente, por vezes decisivo, mas sempre a partir das etapas percorridas pelo grupo*". Neste sentido, o animador deve "levar" as pessoas a reflectirem, deve mediar os seus conhecimentos, organizar os seus saberes e facilitar a aprendizagem. (Ferreira, 1999: 160-162). Deste modo, o animador tem um papel fundamental em todo este processo e de acordo com Canário (2001: 78) "*é entendido (...) como um intermediário e agente de comunicação nos grupos humanos e entre os grupos humanos, a sua acção, suscitando e orientando iniciativas, promovendo a optimização de recursos (...)*". Ou seja, é o animador quem organiza, coordena, estrutura e/ou desenvolve actividades de animação e desenvolvimento sociocultural de grupos e comunidades, é o mediador, faz de intermediário entre os vários elementos da comunidade e as instituições, associações e entidades. É neste sentido, que Trilla (2004: 29) afirma que "*o melhor animador sociocultural seria (...) aquele que conseguisse que a comunidade pudesse prescindir dos seus serviços*".

A Animação sócio-cultural pode dirigir-se a um público-alvo bastante variado, no que respeita à idade, género, profissão, interesses e ainda assim, ir ao encontro dos interesses de um grupo heterogéneo de pessoas, procurando "tocar" as questões culturais e de lazer da comunidade em que o grupo se insere. Transpondo esta ideia para o projecto Aventura no Bairro, é possível verificar que, apesar deste se destinar essencialmente a jovens, ele pretende repercutir-se em toda a comunidade do Bairro, uma vez a integra indirectamente e que ambiciona, aos poucos, faze-la participar directamente. Exemplo desta intenção foi uma das actividades que consistiu na realização de Entrevistas de Rua, onde os jovens entrevistaram não só outros moradores

e pessoas que frequentam o Bairro, mas também a população da freguesia de Alcabideche, afim de tomarem consciência das diversas opiniões sobre o seu contexto e de tentarem modifica-las ou melhora-las. Actualmente foram também planeadas actividades para os pais, que demonstraram interesse em integrarem o projecto de forma mais activa.

Nalguns casos, a Animação sócio-cultural constitui também, um processo para colmatar e complementar as necessidades sociais que a escola ou formação não responderam.

Segundo Canário (2000:79), a globalização do pensamento e da acção educativa leva a que se percepcione o processo educativo como um *continuum* que integra e articula diversos níveis de formalização da acção educativa: a educação formal (ensino escolar baseado na simetria professor-aluno), informal (todas as situações potencialmente educativas, pouco ou nada estruturadas e organizadas, apesar de inconscientes) e não formal (construção de situações educativas de acordo com os contextos públicos).

Neste sentido, se analisarmos as situações educativas em que aprendemos, apercebemos que a maioria se situa na educação não formal ou na educação informal.

Contudo, e apesar destas situações se definirem com base na sua intencionalidade e nos seus efeitos educativos, (os dois aspectos que constituem a chave para a Animação sócio-cultural) verifica-se, que ainda não existe consenso entre os diversos autores relativamente à modalidade de educação que melhor define as práticas de Animação sócio-cultural.

Assim, e se por um lado a Animação sócio-cultural é considerada como um instrumento de educação não formal por se tratar de uma intervenção educativa supra institucional, determinada pela realidade em que vive cada comunidade humana e inseparável da participação, colaboração e responsabilidades colectiva direccionada para a resolução de problemas concretos do meio em que essas colectividades se inserem (Broncano, 1986); por outro, mencionam que é a educação informal, a que melhor caracteriza a Animação sócio-cultural, pois esta privilegia “mais os efeitos do que as intenções, enfatizando as modalidades de auto-formação, de ecoformação e de heteroformação entre pares” (Canário, 2000, p.80)

Relativamente ao desenvolvimento destes processos de educação não formal, pode-se referir que eles surgem como consequência do envolvimento activo das diferentes instituições com responsabilidades sócio-culturais e educativas, tais como: as

autarquias, a escola, associações de pais e encarregados de educação, o associativismo cultural e desportivo de âmbito local. É a cooperação entre estas entidades institucionais e associativas, que permite a construção de processos de participação e de cidadania activa. Desta forma, para intervir junto da população do Bairro da Cruz Vermelha, a Câmara Municipal de Cascais, e mais precisamente a Divisão de Intervenção sócio-territorial, estabelece parcerias com as outras entidades que também actuam no Bairro, ou que podem ser uma mais valia nesta intervenção, nomeadamente os comerciantes do Bairro e a MAIS – Empresa de Animação e Inovação Social que é responsável pela realização de todas as actividades deste projecto.

Besnard (1985) define cinco funções principais da Animação sócio-cultural: a função de adaptação e de integração (promover a socialização dos indivíduos numa perspectiva de conformidade para com as mutações sociais); a função recreativa relacionada com o tempo de lazer; a função educativa (deve complementar as formações e aprofundar interesses culturais específicos); a função ortopédica (promoção do equilíbrio da sociedade) e a função crítica (ajuda de formulação de um pensamento crítico que possa garantir o exercício da democracia). Algumas destas funções estão presentes na intervenção realizada pela DIST junto dos jovens do Bairro da Cruz Vermelha, nomeadamente no projecto Aventura do Bairro. Como tal, neste projecto podemos encontrar a função de adaptação e integração, uma vez que o projecto pretende preparar os jovens para uma boa integração na sociedade e também as funções educativa e recreativa pelo carácter lúdico e pedagógico inerente às actividades.

3.3. Educação Social

Hoje em dia, um dos mais importantes objectivos da Educação é a aquisição de competências sociais, que possibilitem a adaptação e o êxito social. Assim sendo, a educação deixou de pertencer única e exclusivamente à escola, tornando-se o acto de educar uma função de toda a sociedade.

Margared Mead, referenciada na obra “Profissão: Educador Social” (Romans et al, 2003), entende-se como educação social o aspecto da educação que tende a preparar os indivíduos para uma convivência com o seu semelhante, reduzindo os atritos e os conflitos e incentivando o diálogo e a paz social.

A Educação Social “sendo concebida como ‘um processo de interação entre as pessoas que livremente decidem levar a cabo, de modo consensual, as suas respectivas intencionalidades’ é uma construção livre” (Carvalho e Baptista, 2004:56). Assim, a educação social privilegia actividades de prevenção e inserção, realizando um acompanhamento humanizado das situações de ruptura ou pré-ruptura. São então promovidos projectos de construção da identidade pessoal assentes em estratégias relacionais reflectidas e operacionalizadas pela pedagogia social que “visa ajudar as pessoas a aprender a ajudar-se a si mesmo” (Carvalho e Baptista, 2004:54). Consequentemente, o desenvolvimento social e cultural promove a identidade pessoal, o conhecimento e a capacidade de iniciativa, existindo uma lógica de co-responsabilização, onde mais do que trabalhar “para” trata-se de trabalhar “com” as pessoas.

Segundo Viveiros (2007), a compreensão da necessidade de uma educação para a tolerância e para o respeito pelo pluralismo cultural, tem necessariamente de partir de um processo de educação não formal, pois este modelo educativo possibilita que os destinatários do processo, não só participem no desenvolvimento como também, adquiram responsabilidades nesse mesmo processo. Com a aceitação deste conceito de educação, suceder-se-á uma transformação da realidade social, cujas características se resumem às seguintes: solidariedade, democracia cultural, personalização, integração e relações culturais, aprendizagem inovadora e cultura criativa, iniciativa cultural e uma educação para a cultura. “Ao contrário do que acontece em programas de educação formal, a educação social não se apoia em lógicas curriculares, apesar de se basear num diagnóstico rigoroso, possui uma planificação de actividades rigorosa e tecnicamente suportada mas valoriza essencialmente a decisão sobre o sentido, sobre o caminho a seguir adquirindo a flexibilidade necessária para integrar a pluralidade e complexidade de cada comunidade” (Carvalho e Baptista, 2004:59)

Pode-se assim perceber que as acções da educação social são construções pessoais e sociais edificadas de uma maneira participada, onde os sujeitos se identificam como parte integral da acção.

Segundo Carvalho e Baptista, a pedagogia social fornece as ferramentas teóricas para intervir no terreno e criar situações que possibilitem e potenciem a aprendizagem e que transformem cada individuo num elemento activo da sua aprendizagem: “ a pedagogia social constitui a matriz da educação social, devendo, enquanto tal, funcionar como saber profissional de referencia dos educadores sociais”(2004:59).

O Educador Social procura promover relações interpessoais positivas, que sejam propícias ao desenvolvimento das competências sociais imprescindíveis à superação dos problemas e à alteração de percursos de vida dramáticos.

Segundo Oliveira (2004) o educador social “é um profissional remunerado ou voluntário que procura construir e manter um vínculo a uma criança ou adolescente na rua e, a partir desse vínculo (...) buscar uma expansão das possibilidades de realização, uma possibilidade maior do que ela normalmente teria acesso a partir da sua existência na rua” (pág. 20). Assim, pretende-se educar as crianças e jovens “de” e “na” rua.

Conforme referem Carvalho e Baptista (2004), a prioridade desta intervenção são os territórios onde predomina o fenómeno da exclusão social, junto das populações que não acreditam que seja possível uma mudança, uma melhoria, quebrando-se atitudes conformistas que em nada facilitam a (re)integração dos indivíduos na sociedade. Como tal, “os projectos pedagógicos deverão ser desenvolvidos numa perspectiva humanista de envolvimento, de autoria e de participação dos próprios sujeitos, valorizando ao mesmo tempo o tecido social comunitário que suporta as redes sociais de apoio aos seus percursos de vida” (Carvalho e Baptista, 2004:71)

Atendendo a tudo isto, este projecto de intervenção pretende basear-se num processo de Educação Social, uma vez que quer as metas a atingir quer as suas acções estão de acordo com esta pedagogia.

4. Caracterização da Instituição de Acolhimento - Divisão de Intervenção Sócio-Territorial (DIST)

Esta Divisão integra-se, no Departamento de Habitação e Desenvolvimento Sócio-Territorial (DHS) da Câmara Municipal de Cascais.

Das suas competências distinguem-se:

- Promover uma intervenção territorial em diferentes zonas do município, actuando ao nível das vulnerabilidades e das potencialidades locais;
- Assegurar a realização da política e dos objectivos municipais na área de intervenção sócio-territorial, pelo estabelecimento e execução de programas de

intervenção social integrada por zona ou aglomerado, incidindo especialmente nas zonas sujeitas a processos de desenvolvimento social mais complexos, visando a qualificação física e social destes territórios;

- Intervir de forma directa e sistémica em grupos específicos da população, pretendendo dotá-los de maior autonomia, integração social e exercício da cidadania;
- Garantir uma estreita articulação entre os programas, projectos e actividades dos vários serviços municipais: com intervenção na área social, cultural, desportiva, educativa, de conservação de infra-estruturas e equipamentos sociais, da habitação, da higiene e salubridade, de espaços verdes e do urbanismo; com intervenção ao nível territorial, como via para aumentar a sua eficiência operacional e social, num quadro de racionalização de recursos nas áreas de intervenção definidas;
- Actuar de forma coerente, dinâmica e integrada, com o intuito de promover a autonomia social das populações, para que, em parceria com instituições e com as populações se encontrem soluções óptimas para a resolução dos problemas;
- Integrar redes locais, nacionais e transnacionais que visem as boas práticas na área de intervenção do departamento.

Foram também estabelecidos seis eixos de intervenção e actuação para esta divisão que são:

- O Realojamento;
- O Pós-Realojamento;
- A Inclusão de Famílias em desvantagem social;
- A Intervenção com Jovens;
- A Qualificação sócio-urbanística e ambiental;
- A Inserção sócio-profissional.

A DIST é constituída por cinco equipas de operacionais, que actuam no terreno, e por uma equipa de coordenação.

A equipa de coordenação é constituída por alguns elementos das equipas e pela responsável pela divisão; é da responsabilidade desta equipa servir como meio de circulação e transmissão de informação. É nas reuniões da equipa de coordenação, que ocorrem semanalmente, que são discutidos os problemas existentes bem como as soluções possíveis para os mesmos.

As equipas operacionais, como já foi referido, são multidisciplinares, o que significa que os técnicos que as constituem têm formações e conhecimentos diferentes mas complementares, o que permitirá uma melhor actuação e provavelmente resultados mais positivos e eficazes.

Cada equipa tem um elemento que desempenha a função de gestor de equipa; é ele que representa a equipa nas reuniões da equipa de coordenação, estabelecendo a ligação e circulação de informação entre a sua equipa e a responsável da divisão.

Esta divisão adopta uma lógica “de baixo para cima”, sendo que a estrutura do seu projecto parte das necessidades detectadas e sentidas no território, que são transmitidas pelas equipas operacionais à equipa de coordenação. Esta lógica permite a participação de todos os agentes da acção, atribuindo aos técnicos a autonomia que necessitam para se dirigirem ao poder político (equipa de coordenação) e exporem as situações e as soluções que lhes parecem mais adequadas.

A posição e as propostas dos moradores são também consideradas e incluídas na intervenção realizada pelas equipas: *“nesta lógica a população é um recurso e um parceiro na identificação das soluções para a resolução de problemas”* Existe também *“a preocupação de aproveitar as intervenções previstas para mobilizar a população [uma vez que] o realojamento é por excelência uma intervenção que motiva, mobiliza e interessa as populações.”* (GPER, 2000:21)

As cinco equipas da DIST têm afectas à sua intervenção vários territórios que são:

- Equipa 1 – Freguesia de Alcabideche;
- Equipa 2 e Equipa 3 – Freguesia do Estoril, Torre e Cruz da Guia, Cascais
- Equipa 4 – Freguesia de São Domingos de Rana
- Equipa 5 – Freguesia da Parede, Carcavelos e São Domingos de Rana (parte situada abaixo da auto-estrada).

5. Identificação e caracterização do público-alvo

Através da observação participante, que pude efectuar durante o meu estágio no Bairro da Cruz Vermelha do contacto diário que mantive com a população, das reuniões da DIST em que participei, da realização de algumas entrevistas e da leitura de alguns relatórios da DIST relativos à comunidade do Bairro da Cruz Vermelha, foi-me possível perceber que os jovens do Bairro da Cruz Vermelha se encontram desintegrados das Instituições, manifestando uma grande taxa de absentismo e de abandono escolar, sendo provenientes de famílias desestruturadas, e que estão, cada vez mais, a enveredar pela via da marginalidade.

É atendendo a estes factores e ao diagnóstico realizado, que este projecto tem como grupo-alvo jovens residentes no Bairro da Cruz Vermelha com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos de idade, uma vez que este projecto pretende dar continuidade ao Projecto Aventura no Bairro, sendo a partir dos 15anos que os jovens deixam de o poder frequentar.

Considerando a experiência que tenho do Projecto Aventura do Bairro e as dinâmicas que serão desenvolvidas neste projecto, inicialmente, o limite máximo de participantes que poderão integrar este Projecto é de 30 jovens.

6. Identificação das Condições para o êxito do Projecto

Segundo Guerra (2002), quando se elabora um projecto de intervenção é necessário considerar quais os factores que poderão afectar o seu êxito, sendo necessário controlar todas as condições de modo a garantir o êxito do projecto.

Como tal, para que este projecto possa ter êxito, é importante considerar as seguintes condições:

- Criar nos jovens um sentimento de pertença ao projecto, de forma a que não se sintam meros “consumidores” mas sim executores do mesmo;

- Colaboração com a Instituição de Acolhimento na divulgação do Projecto perante a comunidade;
- Obter a participação da comunidade nas diversas actividades do projecto;
- Estabelecer parcerias com diversas instituições locais.

7. Definição do âmbito temporal

As actividades terão um carácter quinzenal, com a duração de 2 horas. Existirão duas actividades de exterior (5 horas), e três actividades de fim-de-semana.

O projecto terá o seu início em Setembro de 2009 e cessará em Junho de 2011.

8. Resultados Esperados

Ao elaborar um projecto de intervenção, pretendem-se obter determinados resultados. Neste projecto, é esperado:

- Desenvolver as competências sociais e profissionais dos jovens, motivando-os a investirem nos seus percursos de vida;
- Responsabilizar a comunidade pelo acompanhamento destes jovens;
- Estabelecer parcerias com instituições locais para que estas possam, de futuro, ter uma participação mais activa na vida desta comunidade;
- Esbater a imagem negativa do Bairro da Cruz Vermelha.

II – Projecto

1. *Diagnóstico*

Quando se realiza um Diagnóstico pretende-se conhecer a realidade sobre a qual queremos intervir, percebendo quais os problemas, as potencialidades e os obstáculos existentes.

Ao realizar este diagnóstico tive por objectivos:

- Conhecer a realidade do Bairro da Cruz Vermelha;
- Averiguar quais as intervenções que estavam a ser realizadas no território e quem estava a intervir;
- Verificar se está a ser realizado algum trabalho com os jovens do Bairro da Cruz Vermelha, ou se existe algum Projecto em vias de ser implementado;
- Identificar quais as necessidades destes jovens que foram percebidas pela Equipa 1;
- Conhecer os resultados que têm sido obtidos através do Projecto Aventura no Bairro;
- Conhecer as necessidades e os interesses actuais dos jovens do Bairro da Cruz Vermelha;

a) *Técnicas de recolha e tratamento de dados*

Na execução deste diagnóstico foram utilizadas diversas estratégias e técnicas:

- **Revisão e Análise Bibliográfica:**
 - ⇒ Bairros Sociais,
 - ⇒ Animação Sócio-Cultural;
 - ⇒ Educação Social

- **Método etnográfico** – Este método ganhou uma carga de respeitabilidade dentro da comunidade científica uma vez que *“Ninguém duvida que observar, participando na estrutura da cultura que se estuda como uma maneira de a apreender para elaborar o documento (...) uma vez que permite abstrair os factores constantes da conduta, e compará-los com outras variáveis”* (Iturra in Santos Silva e Madureira Pinto, 1986, p.157)

Quando se procuram estudar fenómenos em que o ser humano é o agente principal, onde as interações entre os diversos agentes são complexas, e os contextos tão diversificados, parece pertinente o recurso a uma abordagem com características etnográficas. Esta abordagem implica a consciência do facto de tudo poder estar repleto de significância, sendo que nada, por mais ínfimo que pareça, é desprezível para a compreensão do objecto de estudo.

Tuckman (2000, p.508) citando Wilson explica este tipo de metodologia de investigação fundamentando-a nos seguintes pressupostos:

1. *Os acontecimentos devem estudar-se em situações naturais, ou seja, integrados no terreno.*
2. *Os acontecimentos só podem compreender-se se compreendermos a percepção e a interpretação feitas pelas pessoas que neles participam.*

Evidencia-se assim a necessidade da aproximação ao objecto de estudo, tornando mais inteligível a complexidade do real. Como tal, para a recolha de dados *“a etnografia conta com as observações das interações e com as entrevistas dos participantes para descobrir os padrões e o seu significado”* (Tuckman, 2000, p.508), observando os participantes inseridos nos seus contextos.

A aplicação deste modelo de investigação implica a imersão do investigador na realidade a estudar, que deverá decorrer por um período alargado de tempo, possibilitando uma apropriação do real mais completa *“(...) é pelo registo e pela análise do “continuum” que se obtém a significação intrínseca dos comportamentos”* (Estrela, 1994, p.46).

Segundo Bogdan e Biklen citados por Tuckman (2000, p.p.507,508) podem definir-se cinco características próprias deste tipo de investigação:

1. *A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados;*
2. *A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados;*
3. *A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final;*
4. *Os dados são analisados indutivamente, como se se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle;*
5. *Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”.*

Consequentemente, quando o investigador se desloca para o seio da realidade a estudar não o faz de uma forma arbitrária ou ocasional, destituída de sentido ou sem objectivo definido. Existe da sua parte a intenção de recolher informação pertinente, que o ajude a construir um quadro descritivo e interpretativo sobre a problemática e sobre o *dever* próprio daquele meio. Assim, escolherá as estratégias de recolha de dados que lhe pareçam mais apropriadas para persecução dos seus objectivos. Procura-se pois, perceber os comportamentos do ponto de vista dos sujeitos da investigação. Trata-se da tentativa de focalizar uma problemática de acordo com os comportamentos a ela associados, os seus contextos, as interpretações e significações que emergem dos intervenientes. Desse quadro resulta um conjunto de dados informativos e sistematicamente organizados.

Como diz Geertz citado por Bogdan e Biklen (1994, p.48): *“Se a interpretação antropológica consiste na construção de uma leitura dos acontecimentos, então, divorciá-la do que se passa – daquilo que em determinado momento espaço-temporal pessoas particulares afirmam, fazem, ou sofrem, de entre a vastidão de acontecimentos do mundo – é o mesmo que divorciá-la das suas aplicações, tornando-a oca. Uma boa interpretação do que quer que seja – um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade – conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar”.*

Esta técnica de recolha de informação foi utilizada durante os seis meses que estive a estagiar no Bairro da Cruz Vermelha, período no qual contactei diariamente com a sua população. Deste contacto diário obtive informações e conhecimentos que se revelaram de extrema importância para a elaboração deste diagnóstico.

- **Entrevistas e Questionários** – Estes instrumentos de recolha de dados consistem num inquérito realizado a um ou a vários indivíduos. A entrevista envolve um momento de encontro entre o entrevistado e o entrevistador, no qual este pretende obter respostas e explorar melhor determinado tema.

As entrevistas e os questionários *“ajudam especialmente o investigador a ter um contacto com a realidade vivida pelos actores sociais (...) têm, portanto, por função revelar luz sobre certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras”* (Quivy e Campenhoudt, 1992: 46, 47).

Assim sendo, foram realizadas várias entrevistas. A entrevista realizada à gestora da equipa 1 da DIST (CMC) teve como objectivos identificar as dificuldades sentidas pela equipa no Bairro da Cruz Vermelha, conhecer as intervenções que estão a ser realizadas neste território, verificar se está a ser realizado algum trabalho direccionado especificamente para os jovens e identificar as necessidades destes jovens que foram percebidas pela equipa.

A entrevista realizada a uma das responsáveis do projecto Aventura no Bairro visou conhecer os resultados que têm sido obtidos através do Projecto Aventura no Bairro, perceber se a intervenção se vai manter e em que contornos, conhecer as necessidades dos jovens que têm sido identificadas pelas técnicas e quais as competências que lhes parecem serem necessárias aprofundar e recolher sugestões de métodos e estratégias a usar no meu projecto.

Foram também entrevistados 8 jovens que participaram no Projecto Aventura no Bairro e que se disponibilizaram para responder a questões relacionadas com a sua experiência, com o intuito de perceber qual o impacto que este projecto teve nos seus percursos pessoais, identificar quais os seus interesses actuais e identificar qual a disponibilidade dos jovens (temporal mas também ao nível de investimento pessoal) para integrarem um novo Projecto.

Foi ainda aplicado um questionário a 8 jovens residentes no Bairro da Cruz Vermelha, escolhidos aleatoriamente, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, que não participaram no projecto para conhecer (em traços muito gerais) os seus percursos pessoais, identificar os seus interesses actuais e perceber também qual a disponibilidade dos jovens para integrarem um Projecto deste tipo.

Síntese da Informação Recolhida

a) O Bairro da Cruz Vermelha na perspectiva da Gestora da Equipa 1 da DIST

Com base nas leituras de diversos relatórios da DIST e da Entrevista à Gestora da Equipa 1 (Cf. Anexo II) O Bairro da Cruz Vermelha é um Bairro muito antigo, com origem nos anos 70. Ao longo dos anos, o bairro foi sofrendo alterações sendo hoje um bairro residencial com um parque habitacional misto, com habitações unifamiliares e colectivas, de arrendamento social e propriedade privada, e com uma população maioritariamente jovem.

Conforme refere a Gestora da Equipa 1 da DIST, este bairro já foi alvo de diversos projectos de intervenção social, mas encontra-se hoje um pouco desacreditado, existindo a ideia de que *“ali naquele bairro não vale a pena investir”*.

Tem crescido pela construção de habitação de mercado livre, a qual tem trazido nova população para o território, configurando um potencial processo de recomposição social.

No entanto, este processo não se tem conseguido afirmar, na medida em que o bairro sofre de um forte estigma social, tendo um *“historial de estar à margem das coisas, nomeadamente das intervenções (...) e com problemas que persistem de geração em geração”* o que potencia estratégias de distinção entre grupos da população, inviabilizando inter-relações positivas entre grupos sociais heterogéneos.

Os jovens moradores neste bairro *“têm pouca escolaridade, têm as suas expectativas e o que eles têm na prática não dá para atingirem os seus sonhos”*, ou seja, as suas expectativas estão desfasadas da realidade, sendo idealizada uma melhoria repentina nas suas vidas apesar da situação em que se encontram e do caminho sinuoso que vêm a percorrer. *“Isto tem consequências (...) há formas fáceis de fazer dinheiro”* denotando-se que estes jovens enveredam muitas vezes pela via da marginalidade.

Em termos de acessibilidades, o Bairro da Cruz Vermelha apresenta um problema uma vez que as vias adjacentes à Estrada nacional N°9 formam uma fronteira que dificulta o acesso exterior e impede interacções com outros modelos sociais, na medida em que reforça o isolamento e a estigmatização sentida pela população do bairro e protege comportamentos ilícitos e de risco. Como já foi referido, a sua população

apresenta problemas que persistem geração a geração, “*problemas concretos, económicos, de inserção profissional, uma grande concentração de casos de problemas de alcoolismo e de toxicodependência*”.

b) Instituições Presentes no Bairro da Cruz Vermelha e Intervenções

Através dos relatórios da DIST a que tive acesso, das conversas informais e da minha actuação no terreno, foi possível perceber que, no que diz respeito às instituições presentes no Bairro da Cruz Vermelha, estas são:

- ⇒ Escola Básica Nº 3 de Alcoitão (onde a maioria das crianças é moradora no Bairro da Cruz Vermelha);
- ⇒ Lar e creche da SMC;
- ⇒ Igreja Católica da Paróquia de Alcabideche, com resposta de creche e banco alimentar;
- ⇒ Igreja do Nazareno, com respostas de carácter social.
- ⇒ Equipa 1 da Divisão de Intervenção Sócio-Territorial da Câmara Municipal de Cascais que possuiu um contentor onde, por questões de precariedade das condições físicas, a equipa deixou de fazer atendimento social desde Março de 2007, e que serve apenas de base de partida para actividades pontuais, geralmente ligadas ao *Projecto Aventura no Bairro*. A Equipa aguarda a aquisição de uma loja no bairro para instalação do gabinete local da DIST. De momento os atendimentos psicossociais acontecem no exterior do bairro, no gabinete que existe no Bairro da Adroana. Também dinamizado pela DIST existe o Programa Atitude destinado a jovens dos 12 aos 17 anos que só se realiza nas férias de verão.

c) Resultados do Projecto Aventura no Bairro na perspectiva da Responsável do projecto

Considerando a entrevista realizada a uma das responsáveis do projecto Aventura no Bairro (Cf. Anexo IV), “*a avaliação dos projectos sociais é sempre complicada*”; num projecto de intervenção social, os resultados além de não serem

imediatos, nem sempre são contabilizáveis, “*é uma coisa que não se pode aferir a curto prazo*”.

Uma vez que “*o estigma do bairro está (...) muito associado também À desqualificação e ao vandalismo por parte da camada mais jovem*”, este projecto surge para “*envolver de uma forma efectiva a população mais jovem durante as obras [de requalificação]*”. Assim, o Aventura no Bairro “*acabou por interligar dois eixos [de intervenção da DIST] que eram os mais importantes: a requalificação física e a intervenção com os jovens.*”. O projecto tem então como objectivos: sinalizar situações para posterior acompanhamento específico, trabalhar/desenvolver as competências sociais dos jovens, fomentar as relações entre pares e entre os jovens e as instituições – especialmente com a escola, e envolver os jovens na requalificação do Bairro. Consequentemente, neste projecto são trabalhadas essencialmente competências sociais tais como “*o saber estar, o relacionamento entre pares, as relações com as instituições, com a escola*”. No entanto é ainda necessário continuar a trabalhar estas competências e também a autonomia “*porque são miúdos que acabam por não ter assim muita*”.

Ao fim de três anos de Projecto já é visível verificar alterações de comportamento, havendo uma evolução das crianças e dos jovens no decorrer das actividades, agindo de acordo com as regras e empenhando-se nas actividades: “*ao fim com a maior parte dos jovens houve um caminho (...) ou seja, os miúdos do projecto, mal ou bem e cada um em diferentes graus já assimilaram [as regras] e comportam-se à altura.*”.

A avaliação que os participantes fazem do projecto é muito positiva, havendo um número cada vez maior de crianças e jovens a inscreverem-se - “*todos os anos temos miúdos a pedir para integrar a Aventura*”, e também uma solicitação por parte dos pais para que pudessem também integrar o projecto, sendo que de momento existe uma “*Aventura planeada para os pais, pelo menos uma vez por mês*”.

Através deste Projecto foi possível captar bastantes jovens e reencaminha-los para a instituição escolar, com a qual mantinham uma escassa e complicada situação.

d) Impacto do Projecto Aventura no Bairro nos Jovens do Bairro da Cruz Vermelha

Analisando os inquéritos realizados em Outubro de 2008, a 8 jovens residentes no Bairro da Cruz Vermelha que não participaram no Projecto Aventura do Bairro e as entrevistas realizadas a 8 jovens que participaram, foi possível obter uma ideia do impacto que este projecto teve para os Jovens desta comunidade (Cf. Anexos VIII e X).

Os jovens que não participaram no projecto conheceram-no essencialmente através dos amigos, dos panfletos de divulgação e das técnicas da câmara. O facto de terem tido conhecimento através dos amigos é bastante importante pois demonstra a popularidade do projecto dentro da comunidade.

Estes jovens dizem que gostariam de ter participado no projecto apresentando como motivos o facto de serem realizadas actividades diferentes e lúdicas, inclusive no próprio bairro, bem como as saídas e passeios (Cf. Anexo X).

Os jovens que participaram no projecto, fazem um balanço positivo do mesmo, referindo que gostaram de participar pois *“nas actividades aconteceram cenas bem giras”* (jovem A – Cf. Anexo VIII) e apontam como justificação os mesmos factores que levariam os outros jovens a participar (as saídas e as actividades lúdicas): Os participantes salientam ainda como aspectos positivos a boa relação estabelecida com os monitores que *“eram bem bacanos”* (jovem A), as melhorias realizadas no bairro - *“deixamos a nossa marca no bairro”* (jovem A), e o facto de terem percebido que os sítios que já conheciam *“davam para fazer outras cenas bacanas”* (jovem E).

Os jovens reconhecem também modificações no seu comportamento: *“ficamos muito mais controlados (...) quando estávamos em actividade não dizíamos asneiras nem havia fights”* (jovem A); *“conseguíamos cumprir as regras todas”* (jovem B); *“melhorei alguns dos meus comportamentos em relação aos meus colegas”* (jovem C). Os participantes no projecto referem também o facto de aprenderem coisas novas e vivenciarem experiências marcantes: *“passei momentos muito fixes que me marcaram”* (jovem C).

O facto de terem aprendido a respeitar as regras e de terem conhecido a história do bairro onde vivem foi também referenciado pelos jovens como algo importante: *“ficamos a conhecer a história do sitio onde moramos”* (jovem C).

e) Necessidades e Interesses dos Jovens do Bairro da Cruz Vermelha

Nas entrevistas e questionários realizados (Cf. Anexos VIII e X), os jovens indicaram como sendo as suas actividades preferidas as que estão relacionadas com música e dança, seguindo-se as de carácter desportivo.

“Estar com os amigos” é também uma das actividades referidas pelos jovens como forma de ocuparem os seus tempos livres.

“Andar de bicicleta” e “jogar playstation” encontram-se também entre as acções que fazem parte do quotidiano dos jovens inquiridos e entrevistados. Apesar de não ser algo que fazem frequentemente, a maioria dos jovens menciona também “ir ao cinema “ e passear” como actividades interessantes.

Este levantamento sobre as preferências e o modo como os jovens ocupam o seu tempo livre é bastante importante pois só conhecendo as actividades que merecem a sua atenção é possível construir um projecto capaz de ir ao encontro das suas necessidade, motivando a sua participação de modo a existir um ponto de partida que permita desenvolver algumas competências pessoais e sociais, essenciais à sua integração na sociedade.

f) Sugestões dos jovens para um novo projecto

Nos inquiridos e entrevistas realizados aos jovens moradores no Bairro da Cruz Vermelha, foi-lhes pedido que sugerissem algumas actividades que gostariam de realizar, se existisse um projecto destinado às suas idades (Cf. Anexos VIII e X).

A maioria dos inquiridos sugeriu um acampamento. Outras das actividades sugeridas estão relacionadas com o seu interesse pela música e pela dança e apresentam-se sob a forma de concursos de dança e discotecas (ideia que resulta de uma actividade do Projecto Aventura no Bairro, onde foi realizada uma discoteca dentro da escola primária do bairro, após o horário das aulas).

São ainda referidas actividades desportivas e radicais como por exemplo um concurso de BTT.

Um dos inquiridos refere que gostaria de realizar uma actividade para as crianças do bairro.

Estas sugestões serão consideradas aquando a planificação das actividades deste projecto.

g) *Pertinência de um Novo Projecto para os Jovens do Bairro da Cruz Vermelha.*

Neste diagnóstico faz sentido perceber qual seria a pertinência de um projecto que desse continuidade ao *Aventura no Bairro*.

Para a responsável do projecto Aventura no Bairro “*faz todo o sentido*” (Cf. Anexo IV), considerando que a prioridade seria trabalhar com os “*miúdos já mais velhos que enveredaram pela via do pequeno crime*”. Os programas tentariam assim “*inverter esses caminhos*”, criar alternativas.

Já os jovens moradores no Bairro da Cruz Vermelha que não integraram o projecto Aventura no Bairro referem que gostaria de participar num projecto que semelhante mas para as suas idades, enquanto que os que participaram neste projecto referem todos que gostariam de voltar a participar. (Cf. Anexos VIII e X).

Relativamente à disponibilidade dos jovens para participar num projecto semelhante, adaptado às suas idades e interesses ambos os grupos, referem que gostariam de fazê-lo, e a maioria indica a sexta-feira como o dia em que está mais disponível, depois das 17h da tarde, uma vez que em qualquer um dos grupos existem alguns jovens que frequentam a instituição escolar, o que condiciona os seus horários.

2. Problema

“*A metodologia de projecto tem como pressuposto que qualquer objectivo de intervenção é construído com base no conhecimento da realidade, sob pena de não ser adequado ou realista*” (Guerra, 2002:129) Ou seja, ao elaborar um projecto de intervenção é necessário perceber qual o principal problema que queremos responder, qual a principal necessidade a colmatar. Neste projecto, o problema identificado e para o qual se pretende criar uma resposta é a:

“Inexistência de um Projecto que dê continuidade ao Projecto Aventura no Bairro, e que permita continuar a trabalhar e a intervir junto dos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos.”

3. Finalidades

Actuar, através de uma acção sistemática, diversificada e integrada junto dos jovens com o intuito de promover a sua integração e autonomia social, com vista ao desenvolvimento das suas competências sociais e pessoais.

Assim sendo, pretende-se:

- Dar continuidade ao Projecto Aventura no Bairro;
- Promover a integração e a autonomia social dos jovens;
- Captar jovens não cobertos por nenhuma rede de instituições.

4. Objectivos

Este projecto pretende utilizar a Educação Social e a Animação sócio-cultural como estratégia para criar uma cultura educativa de maior coesão, valorização e participação social.

Objectivos Gerais

- Promover a apropriação positiva dos espaços públicos pelos jovens;
- Desenvolver competências sociais tais como: colaboração, assertividade, autonomia, responsabilidade e companheirismo.
- Criar novas referências comportamentais;
- Garantir aos jovens a experimentação de novos contextos;
- Sensibilizar os participantes para a importância da função de cada membro da comunidade;
- Envolver e valorizar a comunidade do Bairro da Cruz Vermelha.
- Estabelecer parcerias com instituições locais

Objectivos Específicos

- Acompanhar, por ano de projecto, 20 jovens continuamente;
- Garantir a participação em cada actividade de 50% dos jovens inscritos no projecto;
- Envolver directamente a comunidade em 5 actividades do projecto;
- Realizar uma Actividade/Sessão de Grupo quinzenalmente.

5. Estratégias

O projecto que se pretende implementar é bastante específico e é construído em função de um contexto singular.

Inicialmente a prioridade para a implementação deste projecto é motivar os jovens a investirem nos seus percursos, atribuindo-lhes um sentido de pertença ao projecto.

É também fulcral divulgar o projecto a fim de sensibilizar a comunidade para a sua importância, envolvendo figuras da comunidade que são boas referências para os jovens, com vista a dar-lhes boas referências e bons modelos de comportamento, mostrando o que jovens moradores no mesmo Bairro conseguiram alcançar objectivos e realizar os seus sonhos.

Este Projecto encontra-se então dividido em três Fases:

1ª Fase – Divulgação do Projecto (Julho 2009/Agosto 2009) – momento em que o projecto será divulgado através da colocação de cartazes apelativos no bairro e de conversas informais com os jovens. Também neste período ocorrerão as inscrições.

2ª Fase – Implementação/Execução (Setembro de 2009/ Junho 2010) – corresponde à execução das actividades que se encontram descritas no ponto seguinte deste projecto: Plano de Actividades.

3ª Fase – Avaliação Final (Julho 2010) – altura onde ocorrerá uma reflexão profunda sobre o projecto, sendo que os indicadores e a metodologia que esta avaliação seguirá se encontram descritos no ponto 7 deste projecto, intitulado Plano de Avaliação.

6. Plano de Actividades

" O plano de actividades descreve, de forma detalhada e sistemática, o que se pretende fazer, quando se pretende fazer, quem será encarregado das diferentes tarefas e quais os recursos necessários para as concretizar" (Guerra, 2000:170)

Consequentemente, encontram-se aqui descritas as sessões que compõem este projecto e que terão um carácter quinzenal, onde estão explícitos os objectivos, a metodologia utilizada, a descrição da actividade, os recursos (humanos e materiais) necessários e os instrumentos que permitirão realizar a avaliação.

1ª Sessão – Festa de Abertura do Projecto

⇒ **Objectivos:**

- Estabelecer um primeiro contacto entre a equipa e os participantes;
- Apresentar o plano de actividades;
- Incentivar a participação dos jovens

⇒ **Metodologia:** Exposição Oral e Dinâmicas de Grupo

⇒ **Actividade:** Sessão de Abertura, onde será estabelecido o primeiro contacto com os jovens e apresentados os Animadores do projecto e o plano de actividades.

⇒ **Recursos Humanos:** 5 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Lanche
- Quadro porcelana
- Marcadores
- Pastas com a planificação

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante

2ª Sessão – “Sentimentos com voz”

⇒ **Objectivos:**

- Compreender a importância da comunicação não verbal nas relações Interpessoais

⇒ **Metodologia:** Dinâmicas de Grupo

⇒ **Actividade:** Através de duas dinâmicas de grupo reflectir com os participantes sobre a importância das expressões faciais e sobre a forma e o tom que utilizamos para expressar os nossos sentimentos e pensamentos

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Cartões com diferentes expressões faciais e referentes a diferentes situações
- Ficha de registo: “sorrir: fica bem ou fica mal?”
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

3ª Sessão – “Uma mão contra a Solidão – Chuva de Ideias”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver sentimentos de responsabilidade e solidariedade
- Promover o respeito pelos mais velhos.
- Incentivar a criatividade e o trabalho em equipa;
- Sensibilizar os participantes para a importância de cada membro na comunidade

⇒ **Metodologia:** *Brainstorming* e Discussão em Grupo

⇒ **Actividade:** Pretende-se que os jovens, orientados pelos animadores, realizem um *Brainstorming* sobre o que poderão fazer para apresentar à população mais idosa do seu bairro e de Cascais, apelando à aproximação da época Natalícia.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Quadro de porcelana
- Marcadores para quadros Brancos
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

4ª Sessão – “Uma mão contra a Solidão – get ready”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver sentimentos de responsabilidade e solidariedade
- Promover o respeito pelos mais velhos
- Incentivar a criatividade e o trabalho em equipa
- Sensibilizar os participantes para a importância de cada membro na comunidade

⇒ **Metodologia:** Trabalho em Equipa

⇒ **Actividade:** Preparação da actividade escolhida pelos jovens na sessão anterior.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante o definido na outra actividade.
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

5ª Sessão – “Uma mão contra a Solidão no Bairro”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver sentimentos de responsabilidade e solidariedade
- Promover o respeito pelos mais velhos
- Permitir aos jovens conhecerem outras realidades
- Sensibilizar os participantes para a importância de cada membro na comunidade
- Envolver a comunidade no projecto.

⇒ **Metodologia:** Apresentação à comunidade do trabalho desenvolvido pelos jovens.

⇒ **Actividade:** Visita ao Centro de Dia do Bairro, com o objectivo de o dinamizar através do trabalho realizado pelos jovens.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante o definido nas actividades anteriores.
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

6ª Sessão – “Uma mão contra a Solidão em Cascais”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver sentimentos de responsabilidade e solidariedade
- Promover o respeito pelos mais velhos.
- Permitir aos jovens conhecerem outras realidades.
- Sensibilizar os participantes para a importância de cada membro na comunidade
- Envolver a Comunidade no Projecto
- Esbater a imagem negativa do Bairro da Cruz Vermelha

⇒ **Metodologia:** Apresentação à comunidade do trabalho desenvolvido pelos jovens.

⇒ **Actividade:** Visita a um lar de Idosos em Cascais, com o objectivo de o dinamizar através do trabalho realizado pelos jovens.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante o definido nas actividades anteriores
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

7ª Sessão – Fim de Inverno

⇒ **Objectivos:**

- Proporcionar aos jovens a experimentação de novos contextos;
- Desenvolvimento de novas referências comportamentais;
- Fomentar o Espírito de Grupo

⇒ **Metodologia:** Dinâmicas de Grupo e Técnicas de Educação Não Formal

⇒ **Actividade:** Saída de fim-de-semana, que permita experiências inovadoras aos jovens e que funcione para motivar, recompensar e reforçar o trabalho que tem sido realizado. Prevê-se, além da parte lúdica, vários momentos de reflexão e debate sobre temas sugeridos pelos participantes.

⇒ **Recursos Humanos:** 5 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as actividades planeadas
- Refeições

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão em grupo
- Questionário aos jovens

8ª Sessão – “Pensar no cinema”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver a capacidade de análise de um filme;
- Reflectir sobre questões do quotidiano

⇒ **Metodologia:** Visionamento de um filme, Discussão em Grupo e Reflexão

⇒ **Actividade:** Visionamento de um filme, escolhido pelos jovens na durante a sessão anterior e reflexão sobre o mesmo.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Filme
- DVD
- Projector
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

9ª Sessão – “Estórias”

⇒ **Objectivos:**

- Reconhecer situações de conflito e identificar formas alternativas de as solucionar, prevendo as consequências de cada uma dessas Alternativas.
- Identificar diferentes tipos de conflito, tendo em conta os protagonistas envolvidos, as causas próximas do conflito e as estratégias de resolução

⇒ **Metodologia:** Discussão de Casos e Reflexão em Grupo

⇒ **Actividade:** Leitura de dois textos referentes a situações de conflito moral e interpessoal, que introduzirão o debate sobre o tema e posterior reflexão.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Duas histórias em suporte de papel
- Quadro de porcelana
- Marcadores para quadros Brancos

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

10ª Sessão – “Cuidado contigo – Drogas”

⇒ **Objectivos:**

- Proporcionar aos jovens informação que os ajude a construir estratégias que lhes permitam tirar partido da noite sem recorrerem a drogas;
- Informar sobre os efeitos e perigos do consumo de Drogas;
- Sensibilizar para os riscos do consumo

⇒ **Metodologia:** Sessão de Esclarecimento e Reflexão em Grupo

⇒ **Actividade:** Sessão de esclarecimento sobre as drogas e os seus riscos, com a colaboração de técnicos especializados nesta matéria. Sessão aberta à comunidade.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores e Técnicos do IDT (Instituto da Droga e da Toxicoddependência);

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as indicações dos técnicos que conduzirão a sessão
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

11ª Sessão – “Bairro Radical – Start”

⇒ **Objectivos:**

- Responsabilizar os participantes pelo seu potencial interventivo na comunidade;
- Incentivar a criatividade e o trabalho em equipa;
- Permitir aos jovens criarem momentos lúdicos para a sua comunidade

⇒ **Metodologia:** *Brainstorming* e Discussão em Grupo

⇒ **Actividade:** Planificação de uma actividade radical, que poderá ser dentro ou fora do bairro, e que seja aberta à comunidade.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Quadro de porcelana
- Marcadores para quadros Branco
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

12ª Sessão – “Bairro Radical – Get Ready”

⇒ **Objectivos:**

- Responsabilizar os participantes pelo seu potencial interventivo na comunidade;
- Incentivar a criatividade e o trabalho em equipa;
- Permitir aos jovens criarem momentos lúdicos para a sua comunidade.

⇒ **Metodologia:** Trabalho em Equipa

⇒ **Actividade:** Continuação da actividade anterior

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as actividades planeada pelos jovens
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

13ª Sessão – “Bairro Radical – Acção”

⇒ **Objectivos:**

- Sensibilizar os participantes para a importância de cada membro na comunidade;
- Envolver a Comunidade no Projecto
- Proporcionar à comunidade momentos lúdicos;
- Fortalecer as ligações entre os jovens e a comunidade.

⇒ **Metodologia:** Apresentação à comunidade do trabalho desenvolvido pelos jovens.

⇒ **Actividade:** Realização de uma Actividade Radical, organizada pelos jovens para a sua comunidade.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as actividades planeadas.
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Questionário à comunidade
- Reflexão com os jovens

14ª Sessão – Fim-de-semana Aventura

⇒ **Objectivos:**

- Proporcionar aos jovens vivências fora do bairro;
- Desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao espaço onde vivem;
- Diversificação de experiências;
- Desenvolvimento de novas referências comportamentais;
- Fomentar o Espírito de Grupo

⇒ **Metodologia:** Dinâmicas de Grupo e Técnicas de Educação Não Formal

⇒ **Actividade:** Saída de fim-de-semana que, à semelhança da anterior, permita experiências inovadoras aos jovens e que funcione para motivar, recompensar e reforçar o trabalho que tem sido realizado. Contudo, pretende-se que tenha um carácter mais lúdico.

⇒ **Recursos Humanos:** 5 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as actividades planeadas
- Refeições

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão em grupo
- Questionário aos jovens

15ª Sessão – “GrafitArte – get ready”

⇒ **Objectivos:**

- Proporcionar vivências fora do bairro;
- Desenvolver o pensamento crítico e os métodos de pesquisa;
- Permitir a aquisição de novas competências pessoais e sociais.

⇒ **Metodologia:** Diversas formas de pesquisa

⇒ **Actividade:** Visita à biblioteca, visando investigar a história do graffiti, para que os participantes possam posteriormente realizar um trabalho alusivo ao tema.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Internet
- Artigos/vídeos sobre Graffiti
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

16ª Sessão – “GrafitArte – Start”

⇒ **Objectivos:**

- Estimular o interesse pela criação artística contemporânea;
- Contribuir para a formação de públicos cada vez mais amplos e críticos;
- Promover os graffitis como forma de arte expressiva e não como acto de vandalismo;
- Explorar novos meios de expressão

⇒ **Metodologia:** Trabalho de pares e Expressão Artística

⇒ **Actividade:** Início da criação de telas/placares com graffitis, visando realizar uma Exposição com as diversas obras, aberta à comunidade.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Tintas
- Placares
- Telas
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

17ª Sessão – “GrafitArte – let’s work”

⇒ **Objectivos:**

- Estimular o interesse pela criação artística contemporânea;
- Contribuir para a formação de públicos cada vez mais amplos e críticos;
- Promover os graffitis como forma de arte expressiva e não como acto de vandalismo;
- Sensibilizar a comunidade para as constantes transformações no domínio da expressividade;
- Explorar novos meios de expressão

⇒ **Metodologia:** Trabalho de pares e Expressão Artística

⇒ **Actividade:** Continuação da Sessão anterior.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Tintas
- Placares
- Telas
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão com os jovens

18ª Sessão – Hall of Fame “GrafitArte”

⇒ **Objectivos:**

- Estimular o interesse pela criação artística contemporânea;
- Contribuir para a formação de públicos cada vez mais amplos e críticos;
- Promover os graffitis como forma de arte expressiva e não como acto de vandalismo;
- Sensibilizar a comunidade para as constantes transformações no domínio da expressividade.

⇒ **Metodologia:** Apresentação dos trabalhos realizados pelos jovens.

⇒ **Actividade:** Exposição das obras realizadas pelos jovens.

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- Obras criadas pelos jovens
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Questionário à comunidade
- Reflexão com os jovens

19ª Sessão – “Cuidado contigo – Sexualidade”

⇒ **Objectivos:**

- Desenvolver competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade;
- Melhorar os relacionamentos afectivo-sexuais dos jovens;
- Reduzir possíveis consequências negativas de comportamentos sexuais negligentes.

⇒ **Metodologia:** Sessão de Esclarecimento e Reflexão em grupo

⇒ **Actividade:** Sessão de esclarecimento sobre a sexualidade, com a colaboração de técnicos especializados nesta matéria. Sessão aberta à comunidade

⇒ **Recursos Humanos:** 3 Animadores e Enfermeira do Centro de Saúde

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as indicações dos técnicos que conduzirão a sessão
- Lanche

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Questionário à comunidade
- Reflexão com os jovens

20ª Sessão – Aventura Final

⇒ **Objectivos:**

- Proporcionar aos jovens vivências fora do bairro;
- Diversificação de experiências;
- Desenvolvimento de novas referências comportamentais;
- Fomentar o Espírito de Grupo
- Celebrar o Final do Projecto

⇒ **Metodologia:** Dinâmicas de Grupo e Técnicas de Educação Não Formal

⇒ **Actividade:** Saída de 4 dias que permita a reflexão e o balanço final sobre o trabalho realizado ao longo do Projecto. Pretende-se também cimentar as relações que foram criadas, bem como recompensar os jovens que participaram no mesmo.

⇒ **Recursos Humanos:** 5 Animadores

⇒ **Recursos Materiais:**

- A designar consoante as actividades planeadas.
- Refeições

⇒ **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reflexão em grupo
- Questionário aos jovens

7. Plano de Avaliação

Avaliar é emitir um juízo de valor sobre algo, com o intuito de provocar mudanças, ou seja, modificar, alterar ou comparar para melhorar. Consequentemente, a avaliação não se restringe ao controlo e à descrição, implicando momentos de reflexão por parte de todos os indivíduos envolvidos e integrados no projecto.

O plano de avaliação estrutura-se “*em função do desenho do projecto e é acompanhado por mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajectórias caso estas sejam indesejáveis*” (Guerra, 2000:175).

No âmbito deste Projecto prevê-se realizar uma **Avaliação Mista**, uma vez que serão utilizados dois tipos de avaliação: uma **avaliação de acompanhamento** e uma **avaliação final**.

A Avaliação **de Acompanhamento** “*visa determinar se o projecto está a ser executado conforme o previsto*” (Guerra, 2000:196) e se está a atingir a população que era a visada e a avaliação. Consequentemente, serão efectuadas reuniões mensais pela Equipa do Projecto para perceber se as actividades estão a responder correctamente às necessidades identificadas e se os resultados pretendidos estão a ser alcançados.

A **Avaliação por Final** centra-se especialmente na concretização dos objectivos do projecto e nos resultados, pretendendo verificar “*em que medida o projecto produziu as mudanças que se tinha desejado e quais os resultados não esperados*” (Guerra, 2000:197). Neste projecto, este tipo de avaliação ocorrerá em Julho de 2010, no final do projecto, e será realizada pela Equipa e pelos Elementos da organização de Acolhimento, a Câmara Municipal de Cascais, a fim de “*verificar os efeitos do projecto no fenómeno social com que se pretendia lidar.*” (Guerra, 2000:196)

Pretende-se também que exista neste Projecto uma **Avaliação do Público-alvo**, neste caso realizada pelos jovens participantes, no sentido de perceber qual o impacto que teve nas suas vidas a curto prazo.

Segundo Guerra (2000), o sucesso de uma Avaliação depende de encontrar indicadores adequados para medir o processo e os resultados da avaliação.

Neste Projecto admite-se como **Indicadores:**

- Número de Participantes em cada actividade
- Frequência dos Participantes por actividade
- Nº de actividades realizadas
- Competências adquiridas pelos jovens

Os três primeiros indicadores são considerados **indicadores de execução**, mais especificamente **indicadores de eficácia**, uma vez que avaliam a relação entre os objectivos e as actividades propostas e as realizadas.

O quarto indicador é um **indicador de impacto**, pois permite avaliar os efeitos do projecto a médio prazo, tentando assim “*determinar em que medida se obteve uma melhoria da situação*” (Guerra, 2000:200)

E como **Instrumentos de Avaliação:**

- Observação participante
- Reuniões Mensais com a Equipa do Projecto
- Questionários à população e aos jovens participantes
- Reflexões com os jovens no final de cada Actividade.

8. Orçamento

Para realizar o orçamento deste projecto foi seguido o modelo da Câmara Municipal de Cascais, utilizado para o financiamento do Projecto Aventura no Bairro.

Descrição e Base de Cálculo		Sub-Total	Custo Total
<u>Serviços e Materiais da Equipa</u>	- Gestão geral do Projecto (formação inicial para a Equipa, construção e produção de instrumentos de gestão da equipa, orçamental, etc) (20h) - Conceção Pedagógica de todas as actividades (35h) - Coordenação e preparação logística das actividades (12hx20act)	6000	6500
	- Custos Administrativos - Disponibilização de uma máquina fotográfica para todas as actividades	500	
<u>Actividades no Bairro</u>	- Equipa de Monitores (3Mx14Actividades + 5Mx1Actividade)	1880	4900
	- Lanches (30Lanchesx15Actividades)	900	
	- Materiais (15 Actividades)	1000	
	- Posters Divulgação (15 Actividades)	300	
<u>Actividade no Exterior</u>	- Equipa de Monitores (3M x 2Actividades)	300	1060
	- Lanches (30Lanchesx2Actividades)	120	
	- Materiais (2 Actividades)	120	
	- Transporte de Passageiros (30jovensx2Actividades)	420	
	- Transportes de materiais (2 Actividades)	60	
	- Posters Divulgação (2 Actividades)	40	

Descrição e Base de Cálculo		Sub-Total	Custo Total
<u>Actividades de Fim-</u>	- Equipa de Monitores (5M x 3Actividades)	3375	9985

Ser Jovem uma Aventura de Risco
Projecto de Intervenção

<u>de-semana (3dias)</u>	- Alimentação e Alojamento ¹ (30jovensx3Actividades)	4500	
	- Materiais e Actividades Outdoors (3 Actividades)	750	
	- Transporte de Passageiros (30jovensx3Actividades)	1200	
	- Transportes de materiais (3 Actividades)	100	
	- Posters Divulgação (3 Actividades)	60	

Sub total	2.2445
IVA (20%)	4.713.45
TOTAL	27.158,45

¹ Valor unitário por participante – 50,00euros

Conclusão

“ A Animação Socio-cultural parte deste pressuposto básico: todos e cada um somos responsáveis por participarmos na gestão da nossa própria vida e na gestão do meio que nos rodeia e da nossa realidade social”

(Trilla, 2004)

O tema das crianças e dos jovens de risco tem merecido nos últimos tempos diversas referências. Em qualquer sociedade existe um número considerável de crianças e jovens com comportamentos que os colocam em risco de uma evolução inadequada sob os pontos de vista psicológico, físico ou sócia; os jovens com comportamentos de risco (consumos, vandalismo, indisciplina e outros) passam com muita rapidez para os delitos e actividades grupais, casuísticas ou não, violentas e anti-sociais criando um sentimento generalizado, também fortemente hipermediatizado, de insegurança nas populações.

Segundo Trilla (2004) é necessário, mais do que um trabalho individualizado com estes jovens, realizar um trabalho que envolva a comunidade local, e passando da visão de reabilitação e assistencial a uma intervenção preventiva e promocional, focado nas potencialidades do individuo e da comunidade. Para que isto seja possível é necessário *“responsabilizar as pessoas e as populações na procura de soluções para as suas problemáticas, a partir de uma consciencialização autónoma e critica (...) das suas acções”* (Trilla, 2004:267)

Este projecto foi perspectivado visando a dinamização e a participação da comunidade do Bairro da Cruz Vermelha num processo de crescimento e desenvolvimento pessoal e social dos seus jovens. Assim, o Projecto “Ser jovem: uma Aventura de Risco” apresenta as características que este autor refere serem necessárias para uma intervenção comunitária; pretende reforçar a identidade, a confiança e a reciprocidade, desmontando estereótipos sociais - “todas as pessoas têm, na sua essência, a possibilidade de em qualquer momento da existência do seu próprio eu” (Trilla, 2004:270), criando um ambiente de confiança e igualdade onde, em grupo, os indivíduos possam interagir, percebendo que o conflito associa-se sempre a um momento de crescimento e que resolve-lo acertadamente permite reforçar e valorizar a importância do diálogo.

Na concepção deste projecto, procurou-se através de um levantamento de necessidades, realizado junto das técnicas da DIST que trabalham directamente no terreno e dos jovens moradores do bairro da Cruz Vermelha, saber quais as problemáticas que sobressaem e às quais urge responder e de ambos sobre.

Neste projecto encontram-se vários momentos e actividades que visam responsabilizar o indivíduo pela sua própria vida, pelas suas decisões e actos, estimulando novos padrões relacionais e construindo novas referências.

Consequentemente, “Ser jovem: uma aventura de risco” foi concebido para responder às necessidades identificadas e procura dar continuidade ao trabalho de prevenção que já foi iniciado pela Câmara Municipal de Cascais no Bairro da Cruz Vermelha, com o Projecto Aventura no Bairro, possibilitando um acompanhamento contínuo de jovens que precisam de ser acompanhados para que superem estigmas antigos e se integrem da melhor forma na sociedade, melhorando não só as suas vidas como também a vida da sua comunidade.

A construção deste Projecto foi para mim um grande momento de aprendizagem, uma vez que me permitiu aprofundar o meu conhecimento sobre esta metodologia e simultaneamente sobre áreas pelas quais nutro grande interesse: a Animação Sociocultural como forma de intervenção comunitária e a Educação Social.

Exigiu de mim um grande investimento, que acredito valer a pena quer para mim a título pessoal e profissional, mas também para a comunidade do Bairro da Cruz Vermelha, uma vez que percebo este projecto como possível e exequível futuramente.

Bibliografia

ABRANTES, T. (1994). «Efeitos Perversos» dos Bairros Sociais: Observações e Sugestões; *Sociedade e Território – Revista de Estudos Urbanos e Regionais*, nº 20; ISCTE. Porto: Edições Afrontamento.

AMOR, T. e MOURA, D. (2001). *Estudo sobre os Modos de Vida no Bairro Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais/ISCTE.

BAUER, A. e RAUFER, X. (2000). *Violences et Insecurité Urbaines, Coll. Que sais-je ?* Paris: Ed. PUF.

BECKER, H. e GEER, B. (1978). Participant observation and interviewing: a comparison. MANIS, J.G. e MELTZER, B.N. (1978) (orgs.) *Symbolic Interaction: a reader in social psychology*. Boston: Allyn and Bacon, (3a. ed.)

BESNARD, P. (1855). *L'animation socio-culturelle*. QSJ nº 1855. Paris : PUF.

BOGDAN, R. e BILKEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Lisboa: Porto Editora

BRONCANO, M. e Rojo, V. (1986). La Animation Sociocultural como Education no Formal. QUINTANA, M. et al. (1986). *Fundamentos de Animación Sociocultural*. Madrid: Nancea.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS (1998). Projecto Especial PER. *Pré-Diagnóstico do Bairro Calouste Gulbenkian*. Documento Provisório.

CANÁRIO, R. (2000). *Educação de Adultos: Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

CANÁRIO, R. et al. (2001) *Escola e Exclusão Social*. Lisboa: Educa-IIIE

CARVALHO, A e BAPTISTA, I (2004). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto Editora.

CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA PORTUGUESA (2003). Coimbra: Livraria Almedina.

CORTES, I. (2002). Relatório de Estágio. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

COSTA, A. (2005). Exclusões Sociais. *Cadernos Demográficos nº 2*. Coleção Fundação Mário Soares (5ª edição). Lisboa: Edição Gradiva

COSTA, R. (1997). Prisca Diedrich, animadora sócio-cultural. *Duas Culturas, Duas Educações*. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=145>).

DIVISÃO DE INTERVENÇÃO SÓCIO TERRITORIAL (DIST). (2006). *Historial PER Cascais*. (texto policopiado). Cascais: DHS, Centro Cultural de Cascais.

ESTRELA, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Porto Editora

ESTRELA, A. e FERREIRA, J. (1997). *Método e Técnicas de Investigação Científica em Educação*. Actas do VII Colóquio da A.F.I.R.S.E. / A.I.P.E.L.F. Lisboa: Universidade de Lisboa

FERREIRA, A. (1987). Política (s) de Habitação em Portugal. *Povos e Culturas, nº 2*. pp. 261-284.

FERREIRA, P. (1999). *Guia do Animador: Animar uma actividade de formação*. Lisboa: Multi-nova.

FREITAS, M. (1993). *Ações de Realojamento e Reestruturação dos modos de vida: um estudo de caso*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.

FREITAS, M. (1995). *Princípios, Cenários e Estratégias para o PET/Cascais – versão provisória*. Lisboa: GES/LNEC.

GABINETE PER (1996). *Critérios de Realojamento ao PER/Cascais – Documento definitivo – documento não publicado*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GABINETE PER (1998). *Estudo Provisório – Pré-Diagnóstico do Bairro Calouste Gulbenkian*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GABINETE PER (2000). *Intervenção Sócio-Territorial*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GABINETE PER (2003). *Diagnóstico Sócio-Territorial – Freguesia de Alcabideche*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GUERRA, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.

JORGE, R. (2004). *Relatório de Estágio*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL. (2005) Avaliação do programa Especial de Realojamento de Cascais. *Objectivos, Metodologia e Análise Preliminar*. CONFIDENCIAL. NES/LNEC.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL (2005). Avaliação do Programa Especial de Realojamento de Cascais. *Dinâmicas e percepções da população realojada em fogos arrendados (PER arrendamento)*. CONFIDENCIAL. NES/LNEC.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL (2005). Avaliação do Programa Especial de Realojamento de Cascais. *Dinâmicas e percepções da população realojada em fogos arrendados (PER acolhimento)*. CONFIDENCIAL. NES/LNEC.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL (2005). Avaliação do Programa Especial de Realojamento de Cascais. *Percepções da população do concelho de Cascais*. CONFIDENCIAL. NES/LNEC.

MANY, E e GUIMARÃES, S. (2006) *Como Abordar a Metodologia de Trabalho de Projecto*. Col. Como Abordar. Porto: Areal Editores.

OLIVEIRA, W. (2004). *Educação social de rua: as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular*. Porto Alegre: Artmed.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

ROMANS, M. et all (2003). *Profissão: Educador Social*. Porto Alegre: Artmed.

SANTOS SILVA, A. e MADUREIRA PINTO, J. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, M. (2006). *Relatório de Estágio*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

SCHWARTZ, B. (1983). *L'insertion professionnelle et sociale des jeunes*. Paris : La Documentation Française.

TRILLA (coord.). (2004). *Animação sócio-cultural: Teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

TUCKMAN, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VIVEIROS, A. (2007). *Quaderns d' Animació i Educació Social: Animação sócio-cultural e Educação*.

⇒ **Sites:**

- <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=145>
- http://www.beyondsustainableideas.com/isep/templates/beyond/pdfs/Clube_de_Jovens_da_Cruz_Vermelha.pdf

Anexos

Guião da Entrevista à Coordenadora da Equipa 1 da DIST

Objectivos:

- Identificar quais são, de momento, as dificuldades sentidas pela equipa no Bairro da Cruz Vermelha;
- Conhecer quais as intervenções que estão a ser realizadas neste território;
- Verificar se está a ser realizado algum trabalho com os jovens do Bairro da Cruz Vermelha, ou se existe algum Projecto em vias de ser implementado;
- Identificar quais as necessidades destes jovens que foram percepcionadas pela equipa

Blocos	Objectivos	Questões
A. Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Informar sobre o objectivo da entrevista; • Valorizar o contributo 	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a confidencialidade da entrevista; • Pedir autorização para gravar a entrevista; • Referir que a entrevista lhe será facultada depois de transcrita • Desenvolver um clima de abertura e confiança; • Situar o entrevistado no contexto da investigação e no tema da entrevista; • Motivar o entrevistado para colaborar neste

	do entrevistado	trabalho/estudo;
<p>B. Caracterização da Intervenção da Equipa 1 da DIST/CMC no bairro da Cruz Vermelha</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar quais são, de momento, as dificuldades sentidas pela Equipa no bairro da Cruz Vermelha • Conhecer quais são actualmente as intervenções que estão a ser realizadas neste território 	<ul style="list-style-type: none"> • Há quanto tempo o Bairro da Cruz Vermelha é alvo de intervenção por parte da Câmara Municipal de Cascais, especificamente da Equipa 1? • Quais foram as principais necessidades que sentiram inicialmente, quer em relação ao espaço, quer em relação à recepção por parte da comunidade? • Após este tempo de intervenção quais as dificuldades que continuam a ser sentidas pela Equipa 1? • De momento, que tipo de intervenção está a ser dirigida para a comunidade, pela Equipa 1 no BCV? • O que pretendem atingir com este tipo de intervenção?

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar quais são os actuais objectivos da Equipa 1 para o Bairro da Cruz Vermelha 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais são os objectivos da Equipa 1 relativamente à comunidade do Bairro da Cruz Vermelha?
<p>C. Caracterização da intervenção da Equipa 1 da DIST/CMC direccionada para os jovens do território</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se está a ser realizado algum trabalho com os jovens do BCV, ou se existe algum projecto em vias de ser implementado • Identificar quais as necessidades dos jovens do BCV que têm vindo a ser percebidas pela equipa 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais os projectos que já foram projectados para os jovens desta comunidade? • Actualmente existe algum projecto planeado para os jovens, a decorrer ou em vias de ser implementado? • Ao longo do vosso trabalho com esta população quais as necessidades dos jovens que a equipa conseguiu identificar? • Quais as necessidades mais relevantes que continuam a persistir a este nível?

<p>D. Fecho da Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none">• Colocar o entrevistado à vontade para referir algum assunto importante sobre o qual não tenha sido questionado• Agradecer e valorizar a participação na entrevista• Garantir novamente a confidencialidade dos dados.	<ul style="list-style-type: none">• Há algum assunto que lhe pareça pertinente abordar sobre o qual não tenha sido questionado?
-------------------------------	---	---

Transcrição da Entrevista à Gestora da Equipa 1 da DIST

Entrevistadora – Boa Tarde Isabel. Desde já muito obrigada pela sua disponibilidade.

Esta entrevista surge no âmbito do meu Mestrado em Formação de Adultos onde estou a pensar construir um Projecto de Intervenção para os jovens do Bairro da Cruz Vermelha. Assim o que eu pretendo com esta entrevista é ficar a conhecer um pouco melhor a realidade destes jovens e perceber qual é a intervenção que vocês, DIST, estão a realizar.

Dr.^a Isabel Xavier - Sim, tudo bem, apesar de não te ir dizer nada de novo para ti...
(risos)

Só referir que esta entrevista é confidencial e que depois lhe será facultada, caso queira obviamente.

Tudo Bem.

Há quanto tempo o Bairro da Cruz Vermelha é alvo de intervenção por parte da Câmara Municipal de Cascais, especificamente da Equipa 1?

Eu penso que desde 98. O realojamento, a entrega das chaves na Cruz Vermelha, no empreendimento da Cruz Vermelha, foi feita em Setembro de 98.

Quais foram as principais as dificuldades sentidas quando entraram no bairro, quando a equipa entrou no bairro?

Olha eu não te posso responder muito bem a isso porque eu na altura estava longe de existir aqui, mas eu penso que o problema... para além das questões logísticas (nunca tivemos uma loja decente, foi sempre um contentor de obra) foi a questão de... de ser um bairro antigo, já dos anos 70, com um historial já de... de estar à margem das coisas, nomeadamente das intervenções e com casos digamos crónicos de problemas que persistem geração a geração, carência económica mas não só...

E a recepção da comunidade à equipa da Câmara?

Eu penso que foi boa, e até porque foi muito associada... penso que houve... o bairro é muito grande, não sei quantas pessoas é k tem, mas tem... 1500 habitantes ou mais, é um bairro muito grande, não sei quantos hectares, cerca de 15 ou 17 hectares. E penso que a população mais antiga, que foi realojada, na altura foram os retornados e as pessoas das cheias, que foram realojados pela Cruz Vermelha e pela Santa Casa da Misericórdia tiveram alguma resistência ao saberem dos empreendimentos PER, acharam tipo “já estamos mal e ainda vem para cá...”, e porque algumas dessas pessoas realojadas eram das barracas ali do bairro, que era o núcleo 25, mas muitas vieram de outros bairros, Marianas e Tainhas...Então sei que houve alguma resistência à ideia, mas a equipa foi muito bem recebida, penso eu.

E após este tempo de intervenção quais as dificuldades que continuam a ser sentidas pela Equipa?

A questão é que é um bairro que tem problemas concretos, económicos, de inserção profissional, uma grande concentração de casos de problemas de alcoolismo e de toxicoddependência, mas são as tais questões que se vão repetindo de geração para geração. Era preciso bastante intervenção, articulação das instituições, e há uma postura por parte de algumas instituições um bocado de “ ali naquele bairro já não vale a pena investir, investir mais” e isso torna-se complicado porque é preciso haver um investimento em força e articulado.

E de momento que tipo de intervenção é que está a ser dirigida para a comunidade?

Fazemos os atendimentos que chamamos psicossociais, que neste momento nem sequer são no bairro, é aqui no gabinete da Adroana, que é o gabinete mais próximo que temos, esperamos que a nossa loja abra o mais rápido possível lá no bairro, para as pessoas não terem de se deslocar até aqui. A este atendimento podem ir as pessoas realojadas e não realojadas, o público em geral também, sempre foi a nossa política. Lá tratamos das

mais diversas questões, sejam questões da escola, do trabalho, articular com a segurança social, etc. etc. Depois a outra questão é dos projectos, de educação não formal que vamos tendo desde o *Programa Atitude* que é só no verão, a *Aventura no Bairro*, e neste momento é tudo.

O que pretendem atingir com este tipo de intervenção?

O que nós gostávamos mesmo era de esbater o estigma do bairro, quebrar um bocado este ciclo de pobreza que se repete, mas isto é um objectivo a longo prazo.

Quais são os objectivos da Equipa relativamente ao Bairro e à comunidade?

É a requalificação física, essas obras que eu falei só abrangiam estavam contempladas para a zona Norte onde foi feito o empreendimento PER em 98, não foram concluídas na sua totalidade, não está a ser assegurada a manutenção e depois resta toda a zona sul do bairro que está bastante desqualificada. Foi feito um diagnóstico por um estagiário da equipa, o arquitecto Carlos Lopes, tu conheceste ainda?

Sim.

Pronto, e a nossa prioridade é conseguir avançar com as propostas, com algumas pelo menos, do projecto, que são mais a nível físico. Além disso, continuar com os atendimentos à população, num local onde as pessoas não tenham de se deslocar tanto como tem de fazer neste momento, quer dizer desde o Carnaval do ano passado que têm de andar até ao Bairro da Adroana, que a pé não é assim tão perto, especialmente quando chove é muito complicado; e provavelmente dar andamento ao Projecto do XXL com os mais velhos.

Quais foram os projectos que já foram projectados para os jovens desta comunidade?

Pelo menos até Junho temos a continuidade da *Aventura*. Temos o XXL com os mais velhos, que ainda nem sequer está bem definido mas sabemos que há uma necessidade

premente de trabalhar com os mais velhos e é o Atitude, que este ano em principio só vai poder ser com os mais velhos, entre os 13 e os 17 anos.

Ao longo do vosso trabalho com esta população quais as necessidades dos jovens que a equipa conseguiu identificar?

As questões... Têm pouca escolaridade, têm as suas expectativas e o que eles têm na prática não dá para atingirem os seus sonhos, portanto há ali um desfasamento entre os sonhos e depois a prática. E isto tem consequências que toda a gente sabe... há formas fáceis de fazer dinheiro...

Quais as necessidades mais relevantes que continuam a persistir?

Temos de continuar a insistir na questão da escolaridade e em alternativas, a partir dos 15anos, alternativas à escola, os cursos profissionais...

Há mais algum assunto que lhe pareça pertinente abordar sobre a intervenção da Equipa 1 no Bairro da Cruz Vermelha?

É só a questão de reforçar que só não fazemos mais porque não temos recursos humanos... temos muita falta de recursos humanos...

Isabel muito obrigada pela sua ajuda! Estas informações são realmente importantes para mim e para o projecto que pretendo construir.

Já sabes, estás à vontade.

Entrevista às Responsáveis do Projecto Aventura no Bairro

Objectivos:

- Conhecer os resultados que têm sido obtidos através do Projecto Aventura no Bairro (PAB);
- Perceber qual o rumo que o PAB vai tomar em 2008 (se a intervenção se vai manter e em que contornos);
- Conhecer as necessidades dos jovens que têm sido identificadas pelas técnicas e quais as competências que lhes parecem serem necessárias aprofundar;
- Recolher sugestões de métodos e estratégias a usar no meu projecto.

Blocos	Objectivos	Questões
A – Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Informar sobre o objectivo da entrevista; • Valorizar o contributo do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a confidencialidade da entrevista; • Pedir autorização para gravar a entrevista; • Referir que a entrevista lhe será facultada depois de transcrita • Desenvolver um clima de abertura e confiança; • Situar o entrevistado no contexto da investigação e no tema da entrevista; • Motivar o entrevistado para colaborar neste trabalho/estudo;
B – Projecto Aventura no Bairro	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a pertinência do Projecto Aventura no Bairro (PAB) para os objectivos da Equipa 1 da DIST/CMC • Identificar quais as 	<ul style="list-style-type: none"> • Como surgiu o PAB? • Qual a pertinência deste projecto para alcançar os objectivos da Equipa 1 para este território? • Ao iniciarem este projecto, quais foram os principais obstáculos que encontraram e como os ultrapassaram? • No decorrer do PAB têm-se deparado com dificuldades

	<p>principais dificuldades sentidas pelas técnicas, quer na implementação como na execução do projecto</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os resultados que têm sido obtidos através do PAB • Conhecer as necessidades dos jovens que têm sido identificadas pelas técnicas ao longo do PAB • Perceber quais as competências dos 	<p>essencialmente de que nível?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como têm superado essas dificuldades? • Quais as competências que têm sido trabalhadas neste projecto? • Quais os resultados que têm vindo a ser obtidos? • Estes resultados têm sido reconhecidos pela CMC, pela comunidade e pelos jovens que integram o projecto? Qual o feedback que têm vindo a receber? • Quais as necessidades dos jovens que têm conseguido identificar com a realização deste projecto? • Das competências que referiram à pouco, quais as que consideram serem necessárias aprofundar com mais brevidade? Porquê?
--	--	--

	<p>jovens que necessitam de ser aprofundadas</p>	
<p>C – Balanço Final do Projecto Aventura no Bairro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber qual o balanço que as responsáveis fazem do PAB • Perceber qual o rumo que o PAB vai seguir em 2008 	<ul style="list-style-type: none"> • Consideram ter ocorrido mudanças no comportamento dos jovens que integram ou integraram este projecto e que sejam consequência deste? • Poderiam salientar os aspectos positivos e negativos que consideram mais relevantes do PAB? • Este projecto tenciona ter seguimento? Se sim, com que contornos pensam continuar a desenvolver o projecto?
<p>D – Fecho da Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher sugestões para a intervenção com jovens dos 15 aos 18 anos • Colocar o entrevistado à vontade para referir algum assunto importante sobre o qual não tenha sido questionado 	<ul style="list-style-type: none"> • Parece-vos pertinente um projecto que dê continuidade ao PAB? • Poderiam dar-me algumas sugestões sobre aquilo que pensam ser fundamental para que um projecto deste nível possa ser planeado e desenvolvido? • Há algum assunto que lhe pareça pertinente abordar sobre o qual não tenha sido questionado?

	<ul style="list-style-type: none">• Agradecer e valorizar a participação da entrevista• Garantir novamente a confidencialidade dos dados.	
--	--	--

Transcrição da Entrevista à Responsável do *Projecto Aventura no Bairro*

Entrevistadora - Boa Tarde Rita, como havíamos combinado vim então entrevistar-te.

Responsável PAB - Muito Bem! (risos)

Importas-te que grave a entrevista?

Não, claro que não.

Eu garanto-te que os dados são confidenciais e que depois de dou uma cópia da entrevista transcrita, pode ser?

Sim, para eu ver as barbaridades que disse! (risos)

Então, como te tinha dito, esta entrevista vai ser útil para o meu mestrado, que consiste em planear com a maior exequibilidade possível um Projecto de Intervenção para os jovens do bairro da Cruz Vermelha. Podemos começar?

Sim.

Rita como surgiu o Projecto Aventura no Bairro?

A ideia surgiu porque foi feito o realojamento na Cruz Vermelha em 98 e nunca andou para a frente as obras de requalificação do espaço público. Quando eu entro na Câmara em 2003 era uma coisa que se arrastava, que ainda ‘tava pendente; entretanto em 2005, finalmente, as coisas andam para a frente. E este bairro é um bairro cuja desqualificação e a má fama tá muito ligada... o estigma do bairro ‘tá, não só mas muito associado também à desqualificação e ao vandalismo por parte da camada mais jovem. Então pensámos que seria interessante envolver ao máximo a população que já tinha sido envolvida no início quando se projectou os espaços públicos (incorporou já propostas da população, nomeadamente o parque infantil onde acabou por ficar: não era no início, a proposta dos arquitectos não era aí, era noutra praceta – na de Macau, a população pediu para que fosse para outra praceta e... pronto essa e outras propostas foram tidas em conta, propostas da população e das instituições locais. Depois pensámos envolver de uma forma efectiva a população mais jovem durante as obras; então pensámos numa

espécie de jogo lúdico, jogo de pistas que fosse acompanhando o decorrer das obras e pronto, surgiu a ideia da Aventura no Bairro.

E qual a pertinência deste projecto para alcançar os objectivos da Equipa 1 para este território, para o bairro da Cruz Vermelha?

É assim, a requalificação física é um dos eixos de intervenção da DIST e na Cruz Vermelha na altura, no planeamento de 2005 foi tido como um dos eixos prioritários de intervenção... Há vários eixos, sendo que depois, às vezes, temos de seguir prioridades porque não conseguimos cumprir todos. Este projecto acabou por interligar dois eixos que eram os mais importantes: a requalificação física e a intervenção com os jovens.

Ao iniciarem este projecto, quais foram os principais obstáculos que encontraram e como os ultrapassaram?

(risos) Bem os Obstáculos é... temos poucos recursos humanos na equipa, e é a questão também de poucos parceiros e neste momento... os poucos que haviam na altura, neste momento já nem existem. Portanto a DIST... cabe à DIST todo o trabalho.

E ao nível da População, encontraram algum obstáculo?

Em relação mesmo às obras de requalificação ou ao projecto da Aventura?

Em relação ao projecto.

Houve alguma... Em relação ao projecto da Aventura em si, por parte da população nada, foi uma grande adesão; a questão é que nós de facto não tínhamos capacidade para fazer um projecto de massas, abrimos... é um projecto restrito, 40 vagas se não me engano... acho que era 40... ficaram bastantes miúdos de fora, esse foi o único problema. Por parte das instituições é que houve assim alguma... desconfiança, alguma resistência mas depois, nomeadamente o clube de jovens que era gestão mista da Santa Casa e da Câmara aderiu, era um dos parceiros principais... a escola do bairro – EB1

nº3 de Alcoitão, e a igreja do nazareno... foram instituições que acabaram por aceitar ser parceiros

No decorrer do projecto têm-se deparado com dificuldades essencialmente de que nível?

A questão é que nós para além das actividades em si gostávamos de fazer... o projecto também servia para sinalizar situações para acompanhamento e não nos sobra depois muito tempo para isso... o tempo que gostávamos... mesmo assim tem melhorado ao longo destes anos...

Quais são as competências que têm sido trabalhadas no projecto com os jovens?

A questão das competências sociais e de... o saber estar, o relacionamento entre pares, com as instituições, com... nomeadamente com a escola.

E quais os resultados que têm vindo a ser obtidos?

A avaliação dos projectos sociais é sempre complicada... (risos) muito complicada mesmo! Eu acho que é uma coisa que não se pode aferir a curto prazo... É assim, as regras do projecto foram feitas por eles, a questão do respeito sobretudo. Isso notamos um grande percurso dentro do projecto, agora saber se eles já extrapolam isso para fora do projecto, para outros momentos e para outros sítios quando não estão ali, isso não sabemos ainda avaliar.

Estes resultados têm sido reconhecidos pela CMC, pela comunidade e pelos jovens que integram o projecto? Qual o feedback que têm vindo a receber?

Bem... pela Câmara pensamos que sim porque 'tamos em 2008 e a Câmara continua a financiar o projecto, é porque tem reconhecido... e a avaliação dos miúdos tem sido também muito positiva, tanto que todos os anos temos miúdos a pedirem para integrar a Aventura. E agora até os pais dos participantes começaram a pedir também para existirem actividades para eles, e, como sabes, agora temos a Aventura planeada para os pais, pelo menos uma vez por mês.

Quais as necessidades dos jovens que têm conseguido identificar com a realização deste projecto?

É a questão da má relação com a escola, portanto uma relação muito complicada, a maior parte dos miúdos tem insucesso escolar, muitos estão em situação de abandono... de facto é uma situação complicada... Depois são as carências económicas, as famílias destruturadas... os problemas típicos destes bairros...

Das competências que referiste à pouco, quais as que consideram serem necessárias aprofundar com mais brevidade? Porquê?

Eu acho que ainda mais a questão do saber estar, saber lidar com as instituições, a autonomia porque são miúdos que acabam por não ter assim muita... muita autonomia...

Consideras ter ocorrido mudanças no comportamento dos jovens que integram ou integraram este projecto e que sejam consequência deste?

É complicado responderes a isso, porque... dentro do projecto, eu noto que com a maior parte dos jovens houve um caminho, que eu acho que em parte, não é totalmente, mas em parte será fruto das aprendizagens do projecto, mas não sei porque há sempre aquela questão da personalidade e dos contextos... ou seja, os miúdos no projecto mal ou bem e cada um em diferentes graus já assimilou e comporta-se à altura... Se isso depois se traduz numa alteração de comportamentos também noutros sítios, noutros contextos.. é difícil saber... mas pela relação que tens com eles, tu poderás saber isso melhor do que eu... (risos) Não há nada palpável percebes?1 eu sei que há miúdos que continuam com insucesso escolar, com abandono e mesmo com os problemas das suspensões... Mas isso também não conseguiremos mudar de em 5 anos só com este projecto...

Poderias salientar os aspectos positivos e negativos que consideras mais relevantes da Aventura?

(risos) Aspectos Positivos...Acho que por ser um projecto de Educação Não Formal conseguimos captar muitos miúdos que estão com relações complicados com a escola, portanto os miúdos não confundem isto com a escola e conseguimos captar a atenção, o empenho deles. E a nossa ideia não é substituímo-nos à escola, obviamente, bem pelo contrário é capta-los para a Aventura e depois até os reencaminhar para a escola. Aaa... Aspectos Negativos... Se calhar... o facto de ser só de 15 em 15 dias, mas é porque não temos de facto capacidade para ser mais... Devíamos também ter uma presença mais efectiva no bairro, que acaba por ser muito pontual, é só de 15 em 15 dias e neste momento nem sequer tamos no bairro, ou seja, não temos um local de atendimento no bairro e acho que isso é negativo, é nem sempre conseguirmos dar continuidade ao trabalho e às sinalizações que se fazem nos momentos de actividade.

Este projecto tenciona ter seguimento? Se sim, com que contornos pensam continuar a desenvolver o projecto?

É assim... desde 2005 o projecto funciona mais ou menos nos mesmos moldes: cada vez que acaba um ano lectivo de projecto faz-se uma avaliação, os objectivos têm mudado, vão-se adaptando às necessidades que vão surgindo... Eu acho que neste momento o projecto está a decorrer até Junho, em Junho acho que se deve parar para um balanço profundo... Porque entretanto isto fez um caminho que eu não sei se os moldes actuais do projecto se adequam aos objectivos principais que já não é como no início, a apropriação positiva dos espaços públicos, mas uma coisa que começamos a ver é sobretudo a necessidade de abrir o bairro ao exterior, de proporcionar novas experiências... e ... se calhar temos que... que rever o Projecto.

Mas de qualquer forma é um Projecto que pretende continuar...?

Não sei... (risos) Eu acho que continua a ser preciso, prioritário fazer... intervir com aqueles jovens, mas não sei se neste... se na continuidade deste projecto ou com outro projecto.

E parece-te pertinente um projecto que dê continuidade à Aventura no Bairro, mas para outras idades, para jovens dos 15 aos 18 por exemplo?

Sim, todo o sentido.

Sugestões para planear um projecto para este público-alvo, tens algumas?

(risos)

Ui, é complicado... acho que de facto é necessário, nós temos essa noção, até com mais velhos, chegámos a pensar num projecto que está neste momento em standby ... em standby não, nunca chegou a arrancar, está na gaveta porque, mais uma vez, falta de recursos humanos... É o XXL, que seria para miúdos até aos 25 anos, mas como eu disse no início à várias... faz-se o diagnóstico, são detectados diversos problemas e necessidades só que nós temos que definir prioridades e de facto acabamos por a nossa prioridade ser mais trabalhar a nível da prevenção com os miúdos mais novos.

E em que é que consistia esse projecto?

É já as questões... portanto, enquanto aqui estamos mais na prevenção, sabemos que há miúdos já mais velhos que já enveredaram pela via do pequeno crime e seria um pouco programas que pudessem inverter esse caminho, a questão da escola mais uma vez, ou mesmo já de projectos ou cursos profissionais... alternativas...

Para terminar Rita, há algum assunto que te pareça pertinente abordar?

Não... (risos)

Rita muito obrigada por esta entrevistas, estas informações, eu prometo que vou tentar utilizá-las da melhor maneira.

(risos)

Assim que o projecto estiver planeado terás logo um cópia prometo!

(risos)

Análise de Conteúdo das Entrevistas

Tema: Diagnóstico

Fontes: Entrevista à Gestora da Equipa 1 da DIST e a Responsável do Projecto Aventura no Bairro

Legenda:

GE – Gestora da Equipa
RPAB – Responsável do PAB

Categories	Sub-Categories	Unidades de registo
<p><u>A –</u> <u>Caracterização</u> <u>da Intervenção</u> <u>Actual da</u> <u>Equipa no</u> <u>Bairro da Cruz</u> <u>Vermelha</u></p>	<p>A1 – Dificuldades s da Equipa</p>	<p>Questões logísticas: inexistência loja, atendimento num bairro próximo (GE);</p> <p>Historial do bairro - problemas que persistem geração a geração - carência económica, marginalidade, alcoolismo, toxicodependência (GE);</p> <p>Resistência da população na altura do realojamento (GE);</p> <p>Boa aceitação da Equipa (GE);</p> <p>Desinvestimento das instituições (GE);</p>
	<p>A2 – Intervenções</p>	<p>Atendimentos psicossociais à comunidade: questões da escola, do trabalho, da segurança social, ... (GE);</p> <p><i>Programa Atitude - só no verão (GE);</i></p> <p><i>Aventura no Bairro (GE).</i></p>
	<p>A3 – Objectivos</p>	<p>Investir ao máximo na intervenção Bairro, de forma articulada (GE);</p> <p>Esbater o estigma do bairro (GE);</p> <p>Quebrar o historial de pobreza (GE);</p> <p>Requalificação física (GE);</p> <p>Criar um Gabinete Local (GE);</p> <p>Desenvolver um Projecto para os jovens até aos</p>

		<p>21anos (GE) (RPAB);</p> <p>Investir na prevenção da marginalidade (RPAB);</p> <p>Criar alternativas para os jovens com percursos desviantes (RPAB).</p>
<p><u>B –</u> <u>Caracterização</u> <u>da intervenção</u> <u>da Equipa</u> <u>destinada aos</u> <u>jovens do BCV</u></p>	<p>B1 – Projectos realizados para os jovens</p>	<p><i>Aventura no Bairro</i> (GE);</p> <p><i>Programa Atitude</i> (GE).</p>
	<p>B2 – Caracterização dos jovens</p>	<p>Baixa escolaridade (GE) (RPAB);</p> <p>Abandono e Insucesso Escolar Elevado (RPAB);</p> <p>Expectativas desfasadas da realidade (GE);</p> <p>Famílias Desestruturadas (RPAB);</p> <p>Pouca Autonomia (RPAB);</p> <p>Percursos/comportamentos desviantes (GE).</p>
<p><u>C –</u> <u>Caracterização</u> <u>do Projecto</u> <u>Aventura no</u> <u>Bairro</u></p>	<p>C1 – Objectivos/Pertinência</p>	<p>Sinalizar situações para posterior acompanhamento específico (RPAB);</p> <p>Trabalhar/Desenvolver as competências sociais dos jovens (RPAB);</p> <p>Fomentar as relações entre pares e entre os jovens e as instituições - especialmente com a escola (RPAB);</p> <p>Envolver os jovens na requalificação do Bairro (RPAB);</p> <p>Interligar dois eixos de intervenção da DIST: a requalificação física e a intervenção com os jovens (RPAB).</p>
	<p>C2 – Dificuldades</p>	<p>Poucos recursos humanos na equipa (RPAB);</p> <p>Escassez/inexistência de parceiros (RPAB);</p> <p>Grande adesão ao projecto não conseguindo haver resposta para todos os jovens inscritos (RPAB);</p>

		<p>Resistência por parte das instituições (RPAB);</p> <p>Dificuldade em realizar sinalizações - devido à escassez de recursos humanos (RPAB);</p> <p>Dificuldade em avaliar até que ponto há uma alteração dos comportamentos dos jovens em contextos exteriores ao Projecto (RPAB).</p>
	<p>C3 – Resultados</p>	<p>Evolução dos jovens dentro do Projecto (RPAB);</p> <p>Comportamentos de acordo com as regras do Projecto (RPAB);</p> <p>Câmara Municipal de Cascais continua a financiar o Projecto (RPAB);</p> <p>Avaliação positiva por parte dos participantes (RPAB);</p> <p>Todos os anos novas inscrições (RPAB);</p> <p>Solicitação dos Pais para integrarem o Projecto (RPAB).</p>
	<p>C4 – Balanço</p>	<p>Aspectos Positivos:</p> <p style="padding-left: 40px;">Captação de muitos jovens com relações complicadas com a escola;</p> <p style="padding-left: 40px;">Empenho dos participantes;</p> <p style="padding-left: 40px;">Alteração de comportamentos. (RPAB)</p> <p>Aspectos Negativos:</p> <p style="padding-left: 40px;">As actividades serem só de 15 em 15 dias;</p> <p>Presença pontual da equipa no bairro;</p> <p>Falta de acompanhamento das sinalizações que são efectuadas nos momentos de actividade. (RPAB)</p> <p>Mudança de Objectivos (RPAB);</p> <p>Adaptação às necessidades (RPAB);</p>

		Necessidade de abrir o bairro ao exterior, de proporcionar novas experiências (RPAB);
--	--	---

Guião das Entrevistas aos Jovens que participaram no Projecto Aventura no Bairro

Objectivos:

- Recolher a opinião dos jovens sobre o impacto que este projecto teve nos seus percursos pessoais;
- Identificar quais os seus interesses actuais;
- Perceber qual a disponibilidade dos jovens (temporal mas também ao nível de investimento pessoal) para integrarem um novo Projecto

Blocos	Objectivos	Questões
A – Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Informar sobre o objectivo da entrevista; • Valorizar o contributo do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a confidencialidade da entrevista; • Desenvolver um clima de abertura e confiança; • Situar o entrevistado no contexto da investigação e no tema da entrevista; • Motivar o entrevistado para colaborar neste trabalho/estudo;
B – Os jovens e o Projecto Aventura no Bairro	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o impacto do Projecto Aventura no Bairro nos percursos dos jovens que o integraram 	<ul style="list-style-type: none"> • Participaste na Aventura no Bairro. O que pensas deste projecto? • De todo o projecto, o que mais te marcou? • Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto? • Na tua opinião, estares neste projecto modificou-te de alguma forma? O que mudou para ti?

<p>C – Interesses e Disponibilidade dos Jovens do Bairro da Cruz Vermelha</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os interesses actuais dos jovens • Averiguar qual a disponibilidade dos jovens (temporal mas também no nível do investimento pessoal) para integrarem um Projecto que desse ao PAB uma continuação 	<ul style="list-style-type: none"> • O que mais gostas de fazer? • Como ocupas os teus tempos livres? • Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias? • Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses? • Se houver um projecto neste sentido, qual o dia em que poderias participar?
<p>D – Agradecimentos</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a colaboração do entrevistado - Voltar a garantir a confidencialidade

Entrevista ao Jovem A participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

A – Na boa (risos).

Ent. – Participaste na Aventura no Bairro. O que pensas deste projecto?

A – Foi fixe.

Ent. – Porquê?

A – Porque fizemos coisas diferentes.

Ent. – Quais?

A – Passeamos e fizemos cenas bem giras no bairro.

Ent. – Gostaste de fazer actividades dentro do teu bairro?

A – Gostei. Andamos sempre à toa, assim na Aventura fazíamos coisas que depois ficavam e que o pessoal via.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

A – Os acampamentos e quando fizemos a actividade radical. Ah e os monitores eram bem bacanos.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

A – Sim, nós aprendemos bué cenas. E, como diz a Rita, ficamos muito mais controlados.

Ent. – Como assim?

A – Quando estávamos em actividade não dizíamos asneiras e não havia fights.

Ent. – E quando não estavam?

A – Ah isso já era diferente... Mas yah, acho que melhoramos um bocado isso.

Ent. – Então na tua opinião, estares neste projecto modificou-te de alguma forma? O que mudou para ti?

A – Yah. Nas actividades aconteceram cenas bem giras e aprendemos coisas e vimos coisas novas. Fui a sítios onde nunca tinha ido porque são bem longe e deixamos a nossa marca no bairro.

Ent. – O que queres dizer com isso?

A – Tipo já toda a gente sabia quem é que nós éramos e os cotas curtiam bué das cenas que nós fazíamos.

Ent. – Então e agora diz-me lá, o que é que mais gostas de fazer?

A – Andar de bike e sair à noite. Ah e jogar play.

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

A – Yah. Playstation não jogo porque não tenho, só quando vou para casa deles.

Ent. – Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

A – Acampamento. (risos)

Ent. – E se não fosse actividade de exterior?

A – Sei lá... tipo... alguma cena diferente, como fazíamos.

Ent. – Por exemplo?

A – Com as bikes, fazer qualquer coisa radical.

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

A – Yah curtia. Mas já não temos idade para estar na aventura.

Ent. – Sim, mas se houvesse um projecto neste sentido, qual o dia em que poderias participar?

A – Oh eu saio todos os dias às 17h. Só que Às terças e quintas tenho treino. De resto é na boa.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

A – Na boa! (Risos)

Entrevista ao Jovem B participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

B – Sim.

Ent. – Participaste na Aventura no Bairro. O que pensas deste projecto?

B – Foi fixe, fizemos coisas que nunca tínhamos feito.

Ent. – Como por exemplo...

B – Fomos acampar em sítios diferentes, andámos a fazer cenas muito giras para o nosso bairro e actividades de desporto muito fixes!

Ent. – Gostaste de fazer actividades dentro do teu bairro?

B – Gostei muito!

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

B – Os acampamentos e a discoteca feita na escola com os monitores da Aventura!

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

B – Sim, vimos muita coisa nova. E conseguíamos cumprir as regras todas no fim do projecto.

Ent. – E isso passou para a tua vida, fora do projecto?

B – Mais ou menos. As asneiras ainda vou dizendo algumas de vez em quando (risos). Mas melhorei alguns dos meus comportamentos em relação aos meus colegas..

Ent. – Então e agora diz-me lá, o que é que mais gostas de fazer?

B – Dançar e estar com os meus amigos no bairro..

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

B – Yah..

Ent. – Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

B – Acampamento e discoteca.

Ent.– Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

B – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

B – Qualquer dia.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

B – De nada.

Entrevista ao Jovem C participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

C – Sim.

Ent. – Participaste na Aventura no Bairro. O que pensas deste projecto?

C – Foi fixe.

Ent. – Porquê?

C – Era uma boa maneira de passar o tempo e conhecíamos lugares diferentes, fazíamos actividades que não fazíamos em mais lado nenhum.

Ent. – Gostaste de fazer actividades dentro do teu bairro?

C – Gostei. Divertíamo-nos imenso e melhoramos algumas cenas no bairro.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

C – As visitas aos sítios sobre o bairro. Ficamos a conhecer a história do sítio onde moramos, eu curti.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

C – Sim.

Ent. – E achas que mudou alguma coisa na tua vida?

C – Acho que sim. Passei momentos muito fixes, que me marcaram.

Ent. – E agora diz-me lá, o que é que mais gostas de fazer?

C – Ouvir música e andar de bicicleta.

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

C – Sim.

Ent. – Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

C – Um concurso de BTT ou alguma coisa para fazer aqui no bairro.

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

C – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

C – À sexta dá mais jeito.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

C – Tranquilo.

Entrevista ao Jovem D participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

D – Sim.

Ent. – Participaste na Aventura no Bairro. O que pensas deste projecto?

D – Foi Bom

Ent. – Porquê?

D – Fiz coisas que não tinha feito antes e curtimos bué.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

D – Os passeios em que dormíamos fora, tipo os acampamentos.

Ent. – Porque podias dormir fora era?

D – Sim, mas também fazíamos muitas actividades giras lá.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

D – Sim.

Ent. – E achas que mudou alguma coisa na tua vida?

D – Acho que sim. Aprendi a portar-me melhor. Menos mal... (risos)

Ent. – E o que é que mais gostas de fazer?

D – Ouvir música, Dançar, namorar (risos)...

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

D – Sim. (risos)

Ent. – Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

D – Um concurso de dança.

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

D – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

D – Desde que não seja à terça-feira, posso sempre depois das 17h.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

D – Na boa.

Entrevista ao Jovem E participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

E – Sim.

Ent. – O que pensas do projecto Aventura no Bairro?

E – Era giro.

Ent.– De todo o projecto, o que mais te marcou?

E – Os acampamentos e s actividades dentro do bairro.

Ent. – Porquê?

E – Porque tamos aqui no bairro o dia todo e achamos que já conhecemos o sitio. E na Aventura vimos que os sítios que já conhecíamos davam para fazer outras cenas bacanas.

Ent. – Então e consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

E – Sim, muitas, já disse.

Ent. – Então e agora diz-me lá, o que é que mais gostas de fazer?

E – Jogar Playstation, lutar Muay Thai e estar com os meus amigos.

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

E – Yah.

Ent. – Se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

E – Não sei.

Ent. – Pensa lá um bocadinho...

E – Uma cena de desporto para o pessoal do bairro.

Ent. – E gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

E – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

E – Qualquer dia.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

E – Na boa

Entrevista ao Jovem F participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

F – Sim.

Ent. – O que pensas do projecto Aventura no Bairro?

F – Foi fixe.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

F – A discoteca e os passeios.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

F – Sim, conhecemos bue sítios.

Ent. – E o que é que mais gostas de fazer?

F – De desenhar, de dançar, ouvir musica, tar com as minhas amigas.

Ent. – E é assim que ocupas os teus tempos livres?

F – Sim.

Ent. – Então e se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

F – Fazer um espectáculo de dança para apresentar numa festa.

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

F – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

F – Qualquer dia, saio sempre às 17h da escola.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

F – Ok.

Entrevista ao Jovem G participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?

G – Sim.

Ent. – O que pensas do projecto Aventura no Bairro?

G – Gostei muito.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

G – O acampamento em S. Pedro de Moel.

Ent. – Porquê?

G – Porque tínhamos piscina e ficamos a dormir numas cabanas. E fizemos jogos bem giros.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com este projecto?

G – Sim, andamos em sítios muito fixes e as actividades eram bacanas.

Ent. – E o que é que mais gostas de fazer?

G – Gosto namorar... (risos) e de jogar play.

Ent. – E como ocupas os teus tempos livres?

G – Então a namorar e a jogar. (risos)

Ent. – Então e se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que actividade escolherias?

G – Um acampamento, num sítio fixe.

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

G – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

G – Eu posso sempre.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

Entrevista ao Jovem H participante no Projecto Aventura no Bairro

Entrevistadora – Boa Tarde! Desde já agradeço poderes dar-me esta entrevista! É confidencial ou seja não vou pôr o teu nome. Preciso apenas que me fales um pouco da tua experiência na Aventura do Bairro. Pode ser?H – Sim.

Ent. – O que pensas do projecto Aventura no Bairro?

H – Gostei muito.

Ent. – De todo o projecto, o que mais te marcou?

H – Tudo! Foi brutal, fizemos tantas, tantas coisas! Passeamos, fizemos actividades e jogos aqui mesmo no bairro, entrevistas.

Ent. – Consideras que aprendeste algo de novo com as experiências que tiveste através deste projecto?

H – Sim. Aprendi a ter mais calma e conheci muitas coisas.

Ent. – E o que é que mais gostas de fazer?

H – Dançar, ouvir musica, estar com as minhas amigas, ir à praia.

Ent. – E como ocupas os teus tempos livres?

H – Então eu saio da escola e depois ou vou a casa de uma delas.

Ent. – E fazem o quê?H – Dançamos, falamos de rapazes, do que aconteceu na escola.

Ent. – Então e se fosses tu a organizar uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

H – Fazia uma festa para o pessoal do bairro. Não, não, fazia um acampamento

Ent. – Gostarias de voltar a participar num projecto semelhante ao Aventura no Bairro que fosse ao encontro dos teus interesses?

H – Sim.

Ent. – E qual o dia em que poderias participar?

H – À sexta, para podermos ficar até tarde.

Ent. – Obrigada pela tua entrevista! Foi uma grande ajuda!

**Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Jovens participante no
Projecto Aventura no Bairro**

Tema: Diagnóstico

Fontes: Entrevista aos Jovens que Participaram no Projecto Aventura no Bairro

Legenda:

A – Jovem A	E – Jovem E
B – Jovem B	F – Jovem F
C – Jovem C	G – Jovem G
D – Jovem D	H – Jovem H

Categorias	Sub-Categorias	Unidades de registo
<u>A</u> – Os jovens e o Projecto Aventura no Bairro	A1 – Avaliação Individual do Projecto	<p><i>Foi fixe (A, B, C, F)</i></p> <p><i>Foi bom (D)</i></p> <p><i>Gostei muito. (G, H)</i></p> <p><i>Foi brutal (H)</i></p> <p><i>os monitores eram bem bacanos.(A)</i></p> <p><i>Porque fizemos coisas diferentes. Passeamos e fizemos cenas bem giras no bairro. (A)</i></p> <p><i>Na Aventura fazíamos coisas que depois ficavam e que o pessoal via. (A)</i></p> <p><i>Nas actividades aconteceram cenas bem giras e aprendemos coisas e vimos coisas novas. Fui a sítios onde nunca tinha ido porque são bem longe (A)</i></p> <p><i>(...) fizemos coisas que nunca tínhamos feito. (B, D))</i></p> <p><i>(...) andámos a fazer cenas muito giras para o nosso bairro e actividades de desporto muito fixes!(B)</i></p> <p><i>(...) boa maneira de passar o tempo e conhecíamos lugares diferentes, fazíamos actividades que não fazíamos em mais lado</i></p>

		<p><i>nenhum.(C)</i></p> <p><i>Divertíamo-nos imenso e melhoramos algumas cenas no bairro (C)</i></p> <p><i>Ficamos a conhecer a historia do sitio onde moramos (C)</i></p> <p><i>(...) na Aventura vimos que os sítios que já conhecíamos davam para fazer outras cenas bacanas. (E)</i></p> <p><i>(...) conhecemos bue sítios (F)</i></p> <p><i>(...)andamos em sítios muito fixes e as actividades eram bacanas.(G)</i></p>
	<p>A2 – Impacto do Projecto na vida dos Jovens</p>	<p><i>nós aprendemos bue cenas (...) ficamos muito mais controlados.(A)</i></p> <p><i>Quando estávamos em actividade não dizíamos asneiras e não havia fights.(A)</i></p> <p><i>(...) deixamos a nossa marca no bairro.(A)</i></p> <p><i>já toda a gente sabia quem é que nós éramos e os cotas curtiam bue das cenas que nós fazíamos. (A)</i></p> <p><i>(...) vimos muita coisa nova. E conseguíamos cumprir as regras todas no fim do projecto. (B)</i></p> <p><i>(...) melhorei alguns dos meus comportamentos em relação aos meus colegas (B)</i></p> <p><i>Passei momentos muito fixes, que me marcaram. (C)</i></p> <p><i>Aprendi a portar-me melhor. (D)</i></p> <p><i>Aprendi a ter mais calma e conheci muitas coisas. (H)</i></p>
	<p>B1 – Interesses actuais dos jovens</p>	<p><i>Andar de Bicicleta (A, C)</i></p> <p><i>Desenhar (F)</i></p> <p><i>Sair à noite (A)</i></p> <p><i>Jogar Playstation (A, E, G)</i></p>

<p>B – Interesses e Disponibilidade dos Jovens do Bairro da Cruz Vermelha</p>		<p><i>Dançar (B, D, F, H)</i></p> <p><i>Estar com os meus Amigos (B, E, F, H)</i></p> <p><i>Ouvir Música (C, D, F, H)</i></p> <p><i>Namorar (D, G)</i></p> <p><i>Lutar Muay Thai (E)</i></p>
	<p>B2 – Ocupação dos Tempos Livres</p>	<p><i>Andar de Bicicleta (A, C)</i></p> <p><i>Desenhar (F)</i></p> <p><i>Sair à noite (A)</i></p> <p><i>Jogar Playstation (E, G)</i></p> <p><i>Dançar (B, D, F, H)</i></p> <p><i>Estar com os Amigos (B, E, F)</i></p> <p><i>Ouvir Música (C, D, F)</i></p> <p><i>Namorar (D, G)</i></p> <p><i>Lutar Muay Thai (E)</i></p> <p><i>Saio da escola e vou para casa de uma delas. (H)</i></p>
	<p>B3 – Sugestões dos Jovens para Actividades</p>	<p><i>Acampamento (A, B, G, H)</i></p> <p><i>Com as bikes, fazer qualquer coisa radical. (A)</i></p> <p><i>Discoteca (B)</i></p> <p><i>Concurso de BTT (C)</i></p> <p><i>Alguma coisa para fazer aqui no bairro (C)</i></p> <p><i>Um concurso de dança (D)</i></p> <p><i>Uma cena de desporto para o pessoal do bairro (E)</i></p> <p><i>Fazer um espectáculo de dança para apresentar numa festa. (F)</i></p> <p><i>Uma festa para o pessoal do Bairro (H)</i></p>
	<p>B4 – Disponibilidade dos jovens</p>	<p><i>Gostaria de voltar a participar num Projecto destes (A, B, C, D, E, F, G, H)</i></p> <p><i>Eu saio todos os dias às 17h. (A, F)</i></p> <p><i>Só que às terças e quintas tenho treino (A)</i></p> <p><i>Qualquer dia (B, E, F)</i></p> <p><i>À sexta dá mais jeito. (C)</i></p>

		<p><i>Desde que não seja à terça-feira, posso sempre depois das 17h (D)</i></p> <p><i>Posso sempre (G)</i></p> <p><i>À sexta, para podermos ficar até tarde. (H)</i></p>
--	--	--

Questionário aos jovens que não participaram no Projecto Aventura no bairro

Objectivos:

- Conhecer (em traços muito gerais) os seus percursos pessoais;
- Identificar os seus interesses actuais;
- Perceber qual a disponibilidade dos jovens (temporal mas também ao nível de investimento pessoal) para integrarem um Projecto pensado para eles;
- Compreender quais são e como são os principais beneficiários do Projecto

1 - Idade _____

2 - Sexo:

F

M

3 – Estudas?

Sim

Não

3.1 Se sim, que ano frequentas? _____

4 – O que gostas de fazer? (podes assinalar mais do que uma opção)

Actividades Radicais;

Passear;

Jogar Playstation;

Ir ao Cinema;

Actividades com música e dança

Outras. Quais?

5 – Como ocupas os teus tempos livres? (podes assinalar mais do que uma opção)

- Ver televisão;
 - Estar com os amigos;
 - Jogar Playstation;
 - Andar de Bicicleta
 - Ouvir Música
 - Outras. Quais?
-

6 - Conheces o projecto Aventura no Bairro?

Sim

Não

7 – Se sim, como o conheces-te?

- Amigos
- Família
- Panfletos colocados no Bairro
- Informado pelas técnicas da Câmara
- Outro _____

8 – Gostarias de ter participado?

Sim

Não

8.1 Porquê?

9 - Se organizasses uma actividade para os jovens do teu bairro, que tipo de actividade escolherias?

10 - Se houver um projecto neste sentido, qual o dia em que poderias participar?

2^af

3^af

4^af

5^af

6^af

Obrigada pela tua colaboração!

Análise dos Inquéritos aos Jovens do Bairro da Cruz Vermelha que não participaram no Projecto Aventura no Bairro

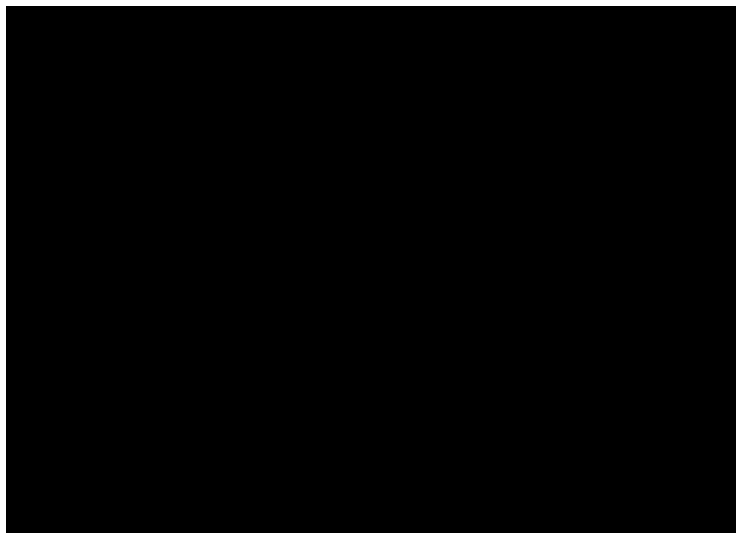
Os inquéritos foram realizados aos jovens da Cruz Vermelha que não participaram no Projecto Aventura no Bairro durante o mês de Outubro de 2008.

Responderam ao inquérito 8 jovens, sendo considerados todos os questionários uma vez que nenhuma das respostas se mostrou inválida. A amostragem foi aleatória simples.

● Grupo de Perguntas sobre o Aluno

1. Idade

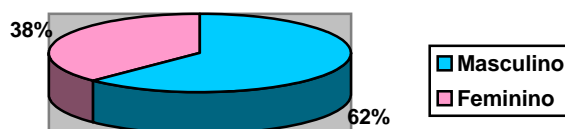
Neste gráfico podemos observar a distribuição por idade, dos jovens inquiridos. Assim, 50% dos inquiridos têm mais de 18 anos e os outros 50% são ainda menores de idade, sendo que 37,5% tem 16 anos.



2. Sexo

Neste gráfico, podemos observar que dos 8 jovens, 62, % são rapazes e 38% são raparigas.

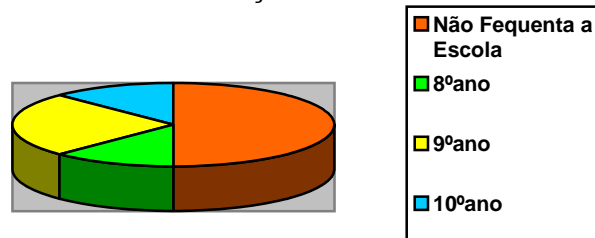
Sexo dos Jovens Inquiridos



3. Situação Escolar

Dos Jovens inquiridos 50% frequenta a instituição escolar, sendo que 25% estão no 9º ano de escolaridade.

Situação Escolar



4. Actividades Preferidas

A maioria dos jovens referiu que o que mais gosta de fazer é “Ir ao cinema”. Duas actividades que foram também identificadas como importantes foram “Passear” e “Jogar Playstation”.

Actividades Radicais	Passear	Jogar Playstation	Ir ao cinema	Música/Dança	Outras
3	5	5	6	4	1

5. Ocupação dos Tempos Livres

Apesar do que os inquiridos referirem “Ir ao cinema” como a actividade preferida, quando a questão remete para a forma como ocupam os seus tempos livres, a resposta maioritária é “Ouvir música”. “Estar com os amigos” e “Andar de Bicicleta” são também duas formas dos jovens ocuparem o seu tempo.

Ver Televisão	Estar com os Amigos	Jogar Playstation	Andar de Bicicleta	Ouvir Música	Outras
2	4	2	4	7	3

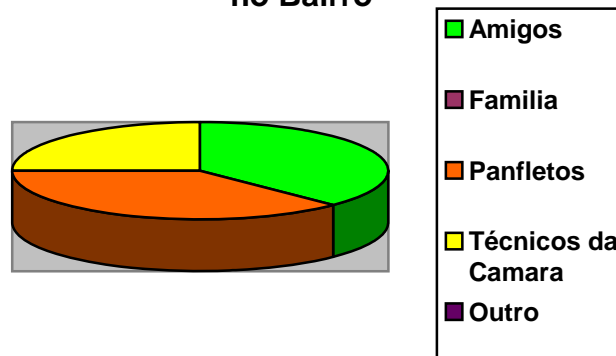
● Grupo de Perguntas sobre o Projecto Aventura no Bairro

1. Divulgação

De todos os inquiridos, todos conhecem o Projecto Aventura no Bairro.

Destes, 37,5% conheceram o projecto através de panfletos de divulgação. Outros 37,5% tiveram conhecimento do projecto através de Amigos e 12,5 ficaram a conhecer o projecto pelas Técnicas da Câmara.

Divulgação do Projecto Aventura no Bairro



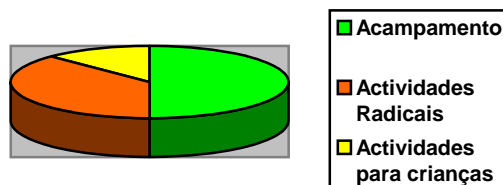
2. Opinião sobre o Projecto Aventura no Bairro

Dos 8 jovens inquiridos todos referem que gostariam de ter participado no projecto. 75% dos jovens justificam esta opção referindo que no projecto faziam “Coisas Giras”, Enquanto que os restantes 25% apresenta como razão o facto de no Projecto existirem muitos momentos de exterior (saídas).

3. Sugestão de Actividade

Neste gráfico podemos observar que a maioria dos inquiridos (50%) se realizasse uma actividade para os jovens do seu bairro, esta seria um “Acampamento”. A segunda actividade mais sugerida (37,5%) “Actividade Radical”. Existe apenas um inquirido que refere gostar de organizar uma “Actividade para crianças”.

Sugestão para Actividade



4. Disponibilidade

Quando questionados sobre a sua disponibilidade para participar num Projecto semelhante que fosse ao encontro dos seus interesses, 62,5% dos inquiridos apontam a 6ªfeira como o melhor dia, enquanto que os restantes 37,5% referem a 5ª feira.

Disponibilidade Semanal dos Jovens Inquiridos

